

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Isabelle Nogueira de Sá Bonafé

**A psicose no personagem Norman Bates – sob a ótica
lacaniana.**

Taubaté – SP
2020

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Isabelle Nogueira de Sá Bonafé

**A psicose no personagem Norman Bates – sob a ótica
lacaniana.**

Monografia apresentada para obtenção do certificado de Bacharel pelo curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.
Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Pr. Dr. Daniel Cardozo Severo.

Taubaté – SP
2020

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

B697p Bonafé, Isabelle Nogueira de Sá
A psicose no personagem Norman Bates - sob a ótica lacaniana
/ Isabelle Nogueira de Sá Bonafé. -- 2020.
67 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Psicologia, 2020.

Orientação: Profa. Dr. Daniel Cardozo Severo, Departamento de
Psicologia.

1. Psicose. 2. Psicose lacaniana. 3. Estudo de caso. 4. Bates
Motel. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Psicologia.
Curso de Psicologia. II. Título.

CDD – 616.89

ISABELLE NOGUEIRA DE SÁ BONAFÉ

A psicose no personagem Norman Bates – sob a ótica lacaniana

Monografia apresentada para obtenção do certificado de Bacharel pelo curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Pr. Dr. Daniel Cardozo Severo.

Data: ____ / ____ / ____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Daniel Cardozo Severo

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dra. Claudia Regina de Freitas

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família por me proporcionarem a possibilidade de estudo e estarem sempre presente, me apoiando e incentivando durante minha jornada acadêmica, desejando o melhor para mim e demonstrando interesse na minha profissão de escolha.

Agradeço também, as minhas amigas mais próximas, Thaís, Miranda e Juliana que estiveram comigo e me acompanharam durante essa jornada de aprendizado, me dando forças todos os dias para não desistir, me incentivando sempre a melhorar e pontuando minhas conquistas.

Agradeço o meu namorado, Vinicius por todas as palavras de amor e carinho, me confortando em todos os momentos que precisei, sempre me dando suporte e incentivo, obrigada por acreditar no meu potencial e por me ajudar a enxergá-lo.

Agradeço, por fim, a todos meus professores da Universidade de Taubaté, que me guiaram ao longo da graduação compartilhando todos seus conhecimentos e experiências. Agradeço especialmente ao professor Daniel Cardozo Severo, meu supervisor de clínica e orientador, que me auxiliou ao longo da graduação, me mostrando a importância do nosso trabalho como psicólogos, e a professora Claudia Regina de Freitas, que gentilmente aceitou meu convite para compor a banca.

RESUMO

Tendo em vista o constante estudo e novas formulações acerca da psicose na psicologia, o presente estudo tem como objetivo identificar e analisar representações e manifestações dos conceitos teóricos da psicose lacaniana no personagem Norman Bates da série de televisão Bates Motel, que na fala do diretor da série, é psicótico. Para isso foi utilizado a abordagem psicanalítica lacaniana que perpassa por conceitos considerados fundamentais na formação de uma estrutura psicótica, sendo eles: Complexo de Édipo, forclusão do Nome-do-Pai, relação dual mãe-filho, delírios, entre outros. Portanto esse trabalho fundamentou-se na explicação referente a esses conceitos, tendo como método um estudo de caso no qual a coleta de dados foi feita a partir da observação direta e interpretação dos episódios escolhidos por categorias, relacionando os comportamentos e falas do personagem com os conceitos abordados na fundamentação teórica.

Palavras-chave: Psicose. Psicose lacaniana. Estudo de caso. Bates Motel.

ABSTRACT

In view of constant studies and new formulations about psychosis in psychology, this study aims to identify and analyze representations and manifestations of the theoretical concepts of Lacanian psychosis in the character Norman Bates from the television series Bates Motel, who, in the series director's speech, is psychotic. For this, the Lacanian psychoanalytic approach was used, which runs through concepts considered fundamental in the formation of a psychotic structure, namely: Oedipus complex, foreclosure of the Name-of-the-Father, dual mother-child relationship, delusions, among others. Therefore, this work was based on the explanation related to these concepts, using as method a case study in which the data collection was made from direct observation and interpretation of the episodes chosen by categories, relating the character's behavior and speech to concepts covered in the theoretical foundation.

Keywords: Psychosis. Lacanian psychosis. Case study. Bates Motel.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	8
1.2 JUSTIFICATIVA.....	8
1.3 OBJETIVOS.....	9
1.3.1 Objetivo geral	9
1.3.2 Objetivos específicos	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3 MÉTODO	20
3.1 PARTICIPANTES.....	20
3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	20
3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	21
3.3.1 Categorias:	22
4 DISCUSSÃO	23
4.1 ANÁLISE DOS EPISÓDIOS.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se pauta nos princípios da Psicanálise Lacaniana, tendo como conceito central a Psicose nessa abordagem, bem como o mecanismo de Forclusão do Nome-do-Pai, sendo esse, a base do desencadeamento da estrutura psicótica.

É importante ressaltar que Lacan foi um psicanalista freudiano que tem suas obras voltadas a um retorno a Freud, com novos olhares e focos. O eixo principal abordado na teoria de Lacan são os conceitos de imaginário, simbólico e real, ligando sempre com a linguagem. A partir disso Lacan reinterpreta conceitos e temáticas como o Complexo de Édipo e a Psicose, ambos abordados durante esse trabalho (BARRETTA, 2012).

De acordo com Freud, podemos conceituar o complexo de Édipo como uma fantasia infantil de um desejo inconsciente de satisfação pela relação com os pais, que tem como objetivo final a eliminação dessas excitações no aparelho psíquico e a constituição do sujeito, bem como sua sexualidade e a maneira de se relacionar com os objetos e de possibilitar a tolerância a frustração (BARRETTA, 2012).

Já Lacan, diferente de Freud, entende que a criança se relaciona com os outros tanto no simbólico, real e imaginário. Dito isso, o complexo de Édipo para ele, portanto, não se baseia apenas a uma fantasia, mas sim um processo complexo que envolve conteúdos imaginários de fantasias inconscientes para atingir o processo estruturante do sujeito, é o momento no qual o indivíduo se insere na cultura, nas leis e na sociedade, e também estabelece, dependendo de como ele passa pelo complexo, a estruturação da neurose, psicose ou perversão (BARRETTA, 2012).

Na visão estruturalista lacaniana do complexo de Édipo, seu eixo central é o chamado Penis-neid, ou seja, a inveja e o desejo pelo falo, portanto, na relação primordial mãe e filho, há sempre um outro elemento: o falo (BARRETTA, 2012):

Todo o progresso que pode conhecer a relação aparentemente dual da criança com a mãe é, de fato, marcado por esse elemento essencial, do qual a experiência da análise de sujeitos femininos nos dá a certeza, e que é o ponto de referência, o eixo, que Freud manteve com firmeza até o fim no que diz respeito à sexualidade feminina: a criança só intervém como substituto, compensação, em suma, numa referência, qualquer que seja ela ao que falta essencialmente à mulher. Isso é o que não a deixa jamais inteiramente sozinha, ganz allein, com a mãe (LACAN, 1995, p. 247 *apud* BARRETTA, 2012).

Leader (2013, *apud* SOARES, 2016) destaca que o complexo de Édipo na visão de Lacan, se dá em três tempos: no primeiro, ele tem a função de introduzir à significação, ligando o desejo da mãe ao pai e ao falo, nesse momento, o falo (representação de poder), é o bebe em sua relação com a mãe, no qual se encontra como o falo desejado. No segundo tempo é introduzido um terceiro elemento, a criança percebe que agora existe alguém além dele que supre o desejo da mãe, nesse momento há a fixação da libido, a intensidade de nossos desejos e interesses sexuais. Esse Outro que se impõe na relação mãe e filho é o pai – função paterna – impondo sua lei, assim, a mãe deixa de ser parte do desejo da criança e a criança deixa de ser seu falo. No terceiro e último tempo, é onde passamos a nos situar como nós mesmos em relação ao Outro de maneira segura, pois o Eu está totalmente formado e dessa maneira, adquirimos a tolerância a frustração.

A psicose é marcada principalmente pela ausência desse terceiro elemento no segundo tempo do Édipo, ocorre uma falha na função paterna, o pai, por algum motivo, não conseguiu exercer sua lei, não se impôs na relação mãe e filho, logo, o significante essencial Nome-do-pai é foracluído, ou seja, não existe na rede simbólica do indivíduo. Pode-se dizer, portanto, que o psicótico está preso eternamente no primeiro tempo do Édipo (GUERRA, 2010).

Segundo Lacan, a psicose vai além do termo usado no DSM – V (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), ela se baseia no mecanismo de negação *foraclusão*, e não se refere apenas aos indivíduos que já apresentaram um suto psicótico na vida, mas também aqueles que potencialmente estão propensos a ter. Existem formas diferentes da psicose, o que influencia no tratamento de cada uma (paranoia, esquizofrenia, erotomania, melancolia, mania, entre outras) (FINK, 2018).

Foraclusão é um mecanismo que renuncia radicalmente determinado elemento simbólico em sua totalidade. Na estrutura da psicose o que é foracluído é a função paterna, uma função simbólica a qual tem como objetivo frustrar o filho impondo sua lei, barrando o desejo da mãe e da criança, é um figura que impede, frustra e protege. Essa função paterna é essencial, ou ela é instalada efetivamente ou não é, quando não inscrita suas consequências são drásticas, dentre elas, a formação da posição psicótica. É importante ressaltar que não há como alterar a estrutura de um psicótico, o objetivo é evitar traços e surtos. As consequências que podem ser observadas clinicamente do fracasso na função paterna são muitas e variáveis (FINK, 2018).

A posição do psicótico é de narcisista, pois ele nunca entrou em uma relação com outro objeto, a não ser com o qual ele se fundiu e se confunde eternamente: a mãe. A mãe é o seu desejo e ele é o falo da mãe. Por conta dessa falha na função paterna, a forclusão do Nome-do-Pai faz com que a criança e a mãe permaneçam na relação dual, sem a possibilidade de passagem para um Outro (pai), sem um significante-mestre (CAMPOS, 2019). Essa falta impede com que o psicótico responda à questão fundamental do seu ser: “quem sou eu?”, o real portanto, responde por ele: “de fora” (GUERRA, 2010).

A psicose é definida, portanto, como uma organização defensiva contra as agonias primitivas, como a desintegração, o “cair para sempre” e a despersonalização, essas ansiedades são tão intensas que fazem com que o Eu tenha que se proteger com todos os recursos possíveis, como dissociações, surtos psicóticos, alucinações e delírios (GUERRA, 2010).

O presente trabalho tem seu objeto de estudo o personagem Norman Bates da série de TV americana “Bates Motel”, desenvolvida por Carlton Cuse, Kerry Ehrin e Anthony Cipriano em 2013, produzida pela Universal Television e exibida pela A&E, baseada no romance de “Psicose” de Alfred Hitchcock, afim de correlacionar sua história com o conceito Lacaniano de Psicose, passando pela forclusão do Nome-do-Pai e complexo de Édipo, assim como a relação mãe-filho caracterizada pela ausência da figura paterna, apresentando como esses fenômenos aparecem no personagem e suas consequências na psiquê.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Sabe-se que o conceito de psicose foi ressignificado inúmeras vezes ao decorrer das obras de Freud e Lacan, e atualmente há diversas interpretações por outros autores, podendo dizer que foram fundamentais para a psicanálise. Nesse sentido, o presente estudo focará em averiguar quais manifestações de tais conceitos podem ser identificados no personagem Norman Bates.

1.2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema “psicose” se deu pelo interesse de aprofundamento no assunto e analisá-lo a partir de um personagem fictício, Norman Bates, da série Bates

Motel, a fim de observar comportamentos e sinais dessa estruturação psicótica que se assemelham aos abordados na teoria, como uma forma de estudar e compreender a psicose de uma maneira mais dinâmica.

A importância deste estudo se dá pela relação mãe, pai e filho(s), ou seus substitutos, e quais as consequências que uma falha em suas funções ou ausência podem gerar em um indivíduo.

Foram abordados então, os elementos principais da psicose na visão lacaniana, e como esses foram manifestados durante a série.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Identificar e analisar as representações e manifestações da psicose no personagem Norman Bates da obra de ficção Bates Motel.

1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar conceitos como complexo de Édipo, psicose, forclusão, relação dual mãe-filho, dissociação e função ausente do Nome-do-Pai no caso estudado;
- Compreender como os conceitos citados acima são representados na série.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Lacan entende que o mecanismo que estrutura a psicose vem de uma falha de uma operação simbólica de um significante que ocorre no nível da linguagem. Sua hipótese nasce na ideia de que, na psicose, durante as articulações simbólicas, existe uma etapa da simbolização que o psicótico não consegue efetivar (GUERRA, 2010).

Durante o desenvolvimento de seu terceiro seminário, Lacan elabora sua teoria de que psicose se estrutura por conta de uma falha de um dos elementos durante o Complexo de Édipo – o Nome-do-Pai – assim, se diferenciando da neurose (SALES, 2007).

Na neurose a representação do Nome-do-Pai é inscrita, porém, recalcada e retornando como revestimento simbólico e substitutivo, portanto ela pode voltar a consciência, diferente da psicose, que essa representação primordial do sujeito não chega a ser inscrita, ela é rejeitada e floracluída (GUERRA, 2010).

É evidente que o conceito psicanalítico Complexo de Édipo continua a ser estudado e debatido até hoje, principalmente quando se trata do desenvolvimento infantil, uma vez que é a partir desse processo que ocorre a constituição do sujeito e sua estruturação psíquica, afetando sua personalidade, desenvolvimento psicológico, social e sexual além de determinar as chamadas estruturas clínicas (PERA; CORREA, 2015).

A elaboração desse conceito freudiano gira em torno do momento em que a criança se depara com a diferenciação da anatomia sexual e é marcado pelo desejo libidinoso dos pais, tendo seu início na fase fálica aos quatro e cinco anos de idade e ocorre em ambos os sexos, apresentando características peculiares na fantasia, além do surgimento de sentimentos e sensações que ainda não são compreendidos pela criança (COSTA; BOTTOLI, 2014).

A fantasia edipiana, conceituada por Freud, é um dos marcos das primeiras tentativas de explicar os movimentos do inconsciente. Atualmente, com o passar do tempo e o surgimento de novos teóricos psicanalíticos, o conceito do Complexo de Édipo sofreu diversas modificações e aprofundamentos, o que o torna cada vez mais evidente e objeto de estudo (PERA; CORREA, 2015).

Além disso, as autoras Costa e Bottoli (2014) ressaltam a importância do constante estudo e reflexão acerca desse conceito tão importante para a estruturação

psíquica, visto que este tem uma relação direta com a configurações familiar, que com o passar dos anos sofre contínuas alterações, ou seja, a reconfiguração da família com o passar dos anos faz com que o complexo de Édipo também seja reconfigurado.

Afinal, o que é o Complexo de Édipo? É uma pergunta feita até hoje, visto que, como falado anteriormente, é um conceito que sofreu diversas modificações por vários teóricos pós freudianos. O presente projeto aborda o conceito a partir da postulações de Sigmund Freud, com os acréscimos posteriores de Jacques Lacan.

O complexo de Édipo, portanto, é uma teoria elaborada por Sigmund Freud, relembrando o mito com o mesmo nome escrito por Sófocles: A tragédia do Édipo Rei. Foi citado pela primeira vez em um dos escritos de Freud “Um Tipo Especial da Escolha de Objeto Feita pelos Homens” (Freud, 1910/1976), nele Freud considerava algumas características eróticas específicas da escolha objetual masculina e entende que este processo deriva da fixação infantil e carinhosa na figura materna (PERA; CORREA, 2015).

Desta forma, entre os quatro anos de vida da criança, além dela ser caracterizada como inocente e alegre, ela sexualiza os pais, isto é, os pais são introduzidos em suas fantasias como objetos de desejo. Neste contexto, a criança, ao mesmo tempo em que aprende a limitar o seu impulso, tem que se ajustar conforme os limites que seu corpo imaturo necessita (NASIO, 2007). Freud (1910/1976) também continua relatando que esse impulso não desaparece completamente, pois, usando da fantasia, ele continua seu curso.

O complexo de Édipo é um processo que ocorre em ambos os sexos e apresenta peculiaridades de acordo com cada um deles. Segundo Nasio (2007), no complexo de Édipo masculino, que será o foco do projeto, o pênis é o órgão detentor de prazer e poder, sendo valorizado e desejado tanto pelos meninos como pelas meninas e por fantasia recebe o nome de “falo”.

A diferenciação anatômica, traz consigo o impulso para as fantasias de prazer e sofrimento, isto é, o menino confirma deter o poder fálico representado pelo pênis, enquanto a menina se sente enganada e traída pela mãe pois foi arrancado o falo que antes acreditava possuir, culpando a mãe de não proporcionar esse poder a ela, assim, ambos desencadeiam suas fantasias de acordo com os respectivos objetos que obtém, porque agora tomaram ciência de quem é o detentor do falo (PERA; CORREA, 2015).

De acordo com Násio (2007) essa representação fálica do pênis desencadeia uma sensação de alerta e cuidado para menino, enquanto na menina a de lesão por ser “despossuída do centro da força”. Esses sentimentos são referentes ao desejo pelos pais, o menino tem a fantasia de possuir a mãe mas entende que o pai, também detentor do falo já a possui, tornando-se seu rival, entretanto há o medo da perda do falo através da castração feita pela pai, enquanto a menina se sentindo enganada e traída pela mãe por não proporcionar a ela tal poder (o falo) não tem medo de perdê-lo, mas sim busca um para si.

O menino, portanto, ao entrar no Édipo entrega-se a sua fantasia em relação à mãe e seu afeto ao objeto mais importante e significativo: o pênis. O orgulho de ser detentor do poder impulsiona no menino o desejo de ir em direção ao Outro, busca o prazer no objeto (mãe) e a quer somente para si e através da fantasia realiza o desejo de possuir a mãe, iniciando posteriormente a busca de ser possuído pelo Outro representada na tentativa de sedução de um determinado adulto para ser seu objeto, por fim, há o desejo de suprimir o Outro, ou seja, é onde na fantasia o menino mata seu rival (o pai). Durante essa passagem, há a constante angústia de castração, o menino é tomado pelo medo constante e ameaçador do seu falo ser tirado dele, parte fundamental para a dissolução do complexo de Édipo e da estruturação psíquica (COSTA; BOTTOLI, 2014).

O complexo de castração portanto, se dá pela ameaça da perda do poder fálico e passar a ser castrado pelo pai, o menino desiste de possuir seu objeto de desejo quando é ameaçado pelo pai e sente a angústia de perder o seu falo, visto que na imaginação a figura paterna obtém a posse sobre o falo, o que representa a hierarquia que gradualmente ocasionará a identificação pela figura paterna. (MIGUELEZ, 2012).

Segundo Nasio (2007), é esse medo de ser castrado que faz com que o menino aceite a lei da proibição e renúncia seu objeto de desejo em busca de salvar seu pênis. A partir dessa aceitação, encerra-se o que é chamado de “fase do amor edipiano” e possibilita a afirmação da identidade masculina, ocorrendo a separação sexual entre a criança e os pais, assim, proporcionando a busca por outros objetos (NASIO, 1997; NASIO, 2007).

Tal busca por outros objetos é importante pois força o desligamento aos pais juntamente com os desejos libidinais pela mãe que é direcionado para outro objeto real e externo. (FREUD, 1916-17).

Na dissolução do complexo, a menina e o menino são obrigados a recalcar suas fantasias e angústias para possibilitar a busca de novos objetos, gradualmente, surge, graças a isso, o sentimento de culpa e pudor (NASIO, 2007).

Lacan aborda o complexo de Édipo de maneira semelhante, mas com suas próprias postulações e acréscimos, principalmente na temática simbólica, imaginária e real que se difere de Freud, portanto, para ele não é apenas no âmbito da fantasia que o complexo se relaciona. Além de exercer uma função estruturante, as fantasias da criança a respeito dos pais imaginários e o papel de cada um – função paterna e materna – são essenciais durante o Édipo, pois estrutura tanto a sexualidade quanto a própria existência do sujeito (BARRETTA, 2012).

Lacan entende que Complexo de Édipo ocorre em três tempos lógicos: O primeiro tempo é caracterizada pela relação fusional que a criança e a mãe estabelecem, enquanto a criança identifica a mãe como objeto de desejo, a mãe identifica a criança como seu falo, ou seja, aquilo que lhe faltava e agora a completa. Nesse período pode-se dizer que tanto a mãe quanto a criança têm uma falta e que em sua relação fusional, se completam, seus desejos são dependentes um do outro. O desejo da mãe é uma vontade sem lei, a criança se encontra como submissa a ele, é um desejo não barrado e sem controle. Lacan entende que só um significante pode substituir outro, portanto, é nessa passagem do primeiro tempo para o segundo tempo do Édipo que deve entrar a figura essencial: a função paterna, como significante Nome-do-Pai, tem o papel de substituir o significante do Desejo da Mãe a fim de barrá-lo, interditando e exercendo o controle, impondo a lei tanto na mãe quanto na criança (SOARES, 2016).

O segundo tempo então, é marcado pela aparição e mediação essencial da figura paterna, seu papel é trazer consigo, o sentimento de privação, de imposição e de lei. O pai, portanto, nesse segundo momento contesta e impõe limites na relação fusional entre a mãe e o filho, privando-os de seus objetos de desejo. Esse momento é vivenciado como uma intrusão pela criança, e traz consigo o sentimento de frustração, pois percebe que é o pai quem tem a mãe (seu até então objeto de desejo), assim, esse momento do Édipo é definitivo para a implementação e aceitação de leis, criando o significante do Nome-do-Pai, que é remetido a essa lei (SOARES, 2016).

O terceiro e último tempo, é o declínio do Complexo de Édipo. É marcado pelo fim da rivalidade fálica entre o filho e pai pela mãe, ou seja, representa que houve a

simbolização efetiva da lei. Durante o declínio do Édipo ocorre o que Lacan chama de jogo das identificações que varia de acordo com o sexo do bebê. O trabalho foca no Complexo de Édipo masculino, que no caso, ao renunciar a posição de falo materno, ele passa e a se identificar com o pai que tem o falo (SOARES, 2016).

Portanto, o complexo de Édipo é visto como a fonte da estruturação psíquica, definindo a personalidade e subjetividade do sujeito, caracterizado pela passagem entre o desejo incontável para o desejo socializado fornecendo a chamada tolerância a frustração, visto que nem todo desejo será realizado. (MIGUELEZ, 2012).

O que é referido como “pai” ou “mãe”, não necessariamente são os pais biológicos, mas sim a figura materna e paterna que a criança tem presente na vida dela, essas figuras portanto, são papéis exercidos pela família e de extrema importância para a estruturação da criança (COSTA; BOTTOLI, 2014).

Independentemente de como é configurado a família, o complexo de Édipo vai se constituir, ou seja, a criança está condenada a passar por esse complexo, e a maneira como ela passará por ele definirá muitos aspectos em sua vida e acompanhando-a inconscientemente, portanto, é esperado que os cuidadores, sejam quem for, exerçam suas funções (materna e paterna) dentro disso, não importa quem faz a função mas sim como ela é feita. A função materna tem o papel de acolher, ser amada e desejada, já a função paterna o papel de castrador e impor a lei (COSTA; BOTTOLI, 2014).

O presente trabalho focará na ausência da essencial figura paterna (ou o enfraquecimento dela) durante o segundo tempo do Complexo de Édipo, em uma configuração familiar fictícia da série Bates Motel (2013-2017), e as consequências dessa falha que afeta drasticamente o personagem principal, Norman Bates, ocasionando a formação de sua estrutura psicótica, que é o objeto de estudo desse trabalho.

O estudo da ausência ou enfraquecimento da função paterna é uma questão importante por conta das suas drásticas consequências na estruturação psíquica, pois a privação e a imposição da castração estão ausentes ou debilitada o que impossibilita que a criança obtenha a percepção de limites, pois esses nunca foram impostos. (COSTA; BOTTOLI, 2014).

Essa função paterna atua como um significante, seu papel é nomear/preencher o vazio marcado na simbolização primordial do estágio do espelho, que se dá por

conta da alternância entre a presença e a ausência materna. Assim, o sujeito se interroga onde ela foi, concluindo que há um outro alguém que a mãe deseja além dele mesmo, esse alguém é a função paterna, o significante do Nome-do-Pai, assim a criança inscreve simbolicamente a falta do outro na lógica fálica (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

O desejo da mãe então se torna um significante e deve ser recalcado e suprimido, para que o Nome-do-Pai se apodere, pela via metafórica, do objeto de desejo da mãe, resultando na significação fálica, possibilitando que a função paterna exerça o suporte de identificação, para que o indivíduo possa lidar com a realidade de castração e frustrações. É por essa analogia da metáfora paterna e o complexo de castração que o indivíduo abdica do gozo vinculado ao Édipo pela mãe (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

A metáfora do Nome-do-Pai atua como uma barreira entre a mãe e a criança, instaurando a lei simbólica, essa representatividade paterna intimida a criança a abandonar sua posição de objeto fálico que preenche a falta da mãe, assim, a criança se liberta e pode ir em busca de outros objetos (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

Para Lacan a diferença entre a neurose, a psicose e a perversão se dão a partir da maneira que o sujeito se relaciona com a linguagem, conforme houve ou não, a inscrição dessa metáfora do Nome-do-Pai (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

No caso da psicose, posição subjetiva abordada nesse trabalho, ocorre um mecanismo chamado foraclusão do Nome-do-Pai como consequência da falta essencial deste significante (alguém que exerça a função paterna), ocasionando diversos efeitos subjetivos (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

Na psicose não há o que Lacan chama de "*bejahung*", que seria o acesso ao simbólico, além disso a simbolização que deveria ser realizada durante o Édipo é dada ao fracasso, logo o significante do Nome-do-Pai não se inscreve e é tido como falta simbólica no Outro, portanto não há a intimidação necessária para que ocorra o rompimento da relação imaginária da criança com a mãe, assim, o sujeito psicótico fica fixado em uma posição de objeto falta-a-ser da mãe, ou seja, que representa tudo o que falta para ela e a completando, e por outro lado, deixando-o fora do gozo fálico. (LACAN, 2004).

Para que haja o desencadeamento da psicose em si (caracterizado no primeiro surto psicótico), deve acontecer a quebra da identificação imaginária que o sujeito se

apoiava, sendo esse o desejo da mãe, quando essa identificação é rompida por conta de algum evento ao decorrer da vida, a tríade imaginária criança-mãe-falo é abalada, logo, como na psicose os eixos imaginários e simbólicos se coincidem, a imagem especular que o sujeito usava para se definir foi afetada, e o psicótico se encontra sem meios para responder sobre si mesmo, ele se encontra pela primeira vez frente a uma castração real sem nenhuma mediação simbólica (GUERRA, 2010).

O sujeito psicótico está à mercê do real sem meios de significar o enigma que está presenciando e exposto as condições para manifestar a psicose que já estava estruturada. Nesse momento, o Nome-do-Pai é invocado para o processo de simbolização, entretanto, como se encontra foracluído, o psicótico responde com o surto (GUERRA, 2010).

A convocação do Nome-do-Pai acontece diante vários motivos, um deles é quando o sujeito se encontra com Um-Pai, alguém que, na visão do psicótico veio ocupar um terceiro lugar na relação até então dual imaginária que o sujeito se encontrava com a mãe. Pode acontecer também durante os encontros sexuais com o sexo oposto, os quais o psicótico deveria exercer a função fálica que envolve também o significante do Nome-do-Pai, porém, há uma dificuldade em se posicionar como si mesmo no ato sexual, principalmente no papel masculino, isso por conta da feminização que é provocada pela identificação do psicótico como o falo da mãe (GUERRA, 2010).

Por conta da função ausente do Nome-do-Pai, quando esse é requerido pelo simbólico, acontece então os surtos psicóticos que podem aparecer de diversas formas como: delírios, vozes e alucinações (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

Lacan trabalha também, com as particularidades do psicótico em relação a linguagem, como por exemplo as relações temporais, o psicótico apresenta, muitas vezes dificuldade em manter a fluidez da fala ou escrita, afetando a ordem sintática ou resultando em interrupções de fala, as cadeias de significantes permanecem soltas durante o discurso, afetando o sentido. Ocorre também a falta de coerência no discurso interno, por conta da ausência de conexões (LACET, 2004).

Além disso, não há o duplo sentido ou a polissemia na psicose, para eles há somente um sentido no que eles dizem e/ou escutam, e sua fala e escrita são marcadas por neologismos, frases interrompidas, maneirismos na disposição da escrita, reiteração de letras, palavras e símbolos (LACET, 2004).

Os psicóticos raramente cometem o que Freud chama de atos falhos, pois não há material reprimido para interromper o fluxo da fala, assim como, sinais de defesa comumente usados por neuróticos, não aparecem no discurso do psicótico. A diferença mais clara entre o discurso do psicótico e o do neurótico é a inabilidade (na psicose) ou habilidade (na neurose) de enxergar significados diferentes em uma ou na mesma parte da fala, ou seja, diferente da neurose, na psicose o significante e significado, são inseparáveis, não há nenhum outro significado naquilo que foi dito (FINK, 2018).

Outra peculiaridade da psicose é que as palavras e sons, vozes, imagens se confundem; as palavras podem ganhar textura, cor e forma de maneira a invadir o corpo. Ao tomar a palavra como coisa, ela perde sua função como símbolo e sentido, porém, é preciso da instalação da significação fálica para que essa fronteira se estabeleça, o que não ocorre nos psicótico, logo, eles se sentem invadidos pelas vozes e palavras. (LACET, 2004).

Para o psicótico as relações imaginárias predominam, pois não há a inscrição do Nome-do-Pai e nem a significação fálica no declínio do complexo de Édipo, logo, eles permanecem no imaginário sem contato com o simbólico. Freud enfatiza que o delírio exerce a função de cura, e representa o mundo imaginário do sujeito de forma desenvolvida, é pela via do delírio portanto que o psicótico interage de alguma forma com o simbólico. (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

Outro efeito produzido pela palavra que perdeu o sentido é o pensar compulsivo e arborizado, não há uma significação com consistência para barrar o pensar; a palavra perde o sentido e torna-se signo, um mundo repleto de signos que devem ser interpretados. Tendo como contrapartida, na fala, a verborragia, uma palavra que se associa incessantemente a outra produzindo uma fala ininterrupta, uma sequência de digressões (LACET, 2004):

O fenômeno psicótico é uma significação que surge no real, fora do registro do sentido e que não se parece com nada, pois não foi anteriormente simbolizada, deixando o psicótico numa condição de estranheza e perplexidade. Ela é, porém, uma significação essencial porquanto diz respeito ao sujeito (LACAN, 1955-1956/1992, *apud* LACET 2004).

O psicótico não é capaz de validar as leis de simbolização, diferente do neurótico ele interpreta de forma literal o discurso, tanto exterior quanto interior. O que dá início as vozes ou dissolução imaginária. As vozes atuam como o testemunho do

psicótico de sua própria vivência, seu discurso é de *certeza* que viu ou ouviu algo. As alucinações verbais seriam as quebras da cadeia simbólica e o significante como o real. Quando as vozes são faladas pelo Outro, o psicótico se encontra encurralado, obedecendo ao o que foi dito e é tomado como absoluta verdade (LACET, 2004).

Em suma, foi possível identificar dois pontos centrais nas peculiaridades da relação do psicótico com a linguagem: a não inscrição da *bejahung* (*afirmação da inscrição de algo primordial*), ou seja, falha no acesso ao simbólico e da cadeia significante; e o fato da metáfora paterna não operar no simbólico, logo a significação fálica não acontece. Os principais resultados são: a impossibilidade de estabelecer sentidos e a existência de um sujeito que não foi barrado, logo é habitado pela linguagem (LACET, 2004).

Pensando-se no discurso como uma forma de relação simbólica inconsciente que necessita da castração, é possível tratar o psicótico como fora do discurso, já que ele não passou pela castração, de forma a nega-la pela foraclusão, portanto não existe um desejo barrado, podendo dizer-se assim, que o gozo seria limitado, pois é através da significação fálica que o simbólico é organizado e o desejo surge ilimitado a um objeto (LACET, 2004).

O gozo na psicose é absoluto, e o psicótico se encontra à mercê da angústia ao encarar o enigma do desejo do Outro, como não há o significante que permite significação, não há condição para a constituição de um saber sobre o desejo do Outro. Essa angústia é vivenciada como invasão, traz consigo o sentimento de não ser nada além de um corpo e é diminuída ao preço do delírio (LACET, 2004).

Freud (1896, *apud* Quinet, 2006) entende que a rejeição da representação da castração que o psicótico faz ocasiona um desligamento parcial ou completo com a realidade, além disso, aponta as alucinações como sintomas do retorno do recalcado, pensamentos inconscientes que o paciente ouve como vozes.

Quinet (2006) discute também, a existência de um ponto de fixação libidinal auto erótica no paranoico, que ocasiona a divisão do eu em vários, esse despedaçamento imaginário pode ser visto em casos de múltiplas personalidades no qual uma identificação específica se apodera do eu.

Quando o psicótico alucina, ele se encontra totalmente identificado no Eu, fazendo com que tenha a sensação de que outro ocupou seu lugar. O estranhamento em seu próprio corpo remete ao Estádio de Espelho – o olhar do outro que me dá

unidade corporal – na psicose, a relação do sujeito com o corpo é incompleta, ele não tem formado a noção de Eu (QUINET, 2006).

Esse estado especular e imaginário que o psicótico se encontra, junto com a não-inscrição da falta no simbólico, leva o sujeito a se deixar ser o objeto de gozo de um Outro tirano e não barrado (QUINET, 2006).

3 MÉTODO

Foi utilizado para esse estudo o caráter exploratório, uma vez que visa a compreensão da teoria com base na análise de um caso. A pesquisa utilizou o método de estudo de caso, com o objetivo de explicar as variáveis que relacionam causa e consequência em situações de fenômenos complexos quando não há possibilidade de utilizar estudo de levantamento (GIL, 2002).

Para a compreensão do caso foi utilizada a análise de conteúdo como um método de compreensão de dados qualitativos, sendo utilizado para extrair interpretações das cenas nas quais apresentam-se o personagem em foco (GIL, 2002).

3.1 PARTICIPANTES

O participante deste estudo foi o personagem principal da série “Bates Motel”, Norman Bates, de aproximadamente 17-22 anos, nascido em Arizona, onde viveu com seus pais até a morte de seu pai, seis meses depois, mudou-se para White Pine Bay (Oregon) junto de sua mãe Norma Bates.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi feita por meio da observação direta dos fenômenos apresentados na série “Bates Motel” da televisão americana de gênero drama, terror psicológico e suspense, desenvolvida por Carlton Cuse, Kerry Ehrin e Anthony Cipriano em 2013, produzida pela Universal Television e exibida pela A&E, caracterizada como "prólogo contemporâneo" para o filme *Psycho* de 1960 (baseado no romance de mesmo nome escrito por Robert Bloch), que retrata a vida de Norman Bates e de sua mãe Norma antes dos eventos retratados no filme de Alfred Hitchcock.

Para desenvolver o estudo foi utilizada a observação direta da primeira à quarta temporada da série, bem como a categorização dos discursos e/ou atos do personagem a fim de estruturar a conceituação da constituição psicótica no personagem principal, Norman Bates.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A forma de análise dos dados do estudo foi predominantemente qualitativa, sendo definido como uma sequência de atividades: a redução dos dados, a categorização desses dados, interpretação e redação do relatório (GIL, 2002).

A redução dos dados é um procedimento de seleção, simplificação, abstração e transformação dos dados coletados nas observações; A categorização é a organização desses dados para tomada de decisões e conclusões, para isso é preciso construir categorias descritivas a partir do referencial teórico (GIL, 2002).

A categorização e interpretação de dados foi feita a partir da análise de conteúdo dos discursos e cenas que manifestam características psicológicas dos temas estudados no personagem, a fim de construir interpretações sobre o conteúdo (GIL, 2002).

Para o processo foram selecionadas as seguintes categorias para serem observadas durante os episódios: surtos psicóticos/dissociação; relação dual com a mãe/relação incestuosa; relação com o sexo oposto (função fálica); forclusão/quebra da identificação imaginária e retorno do real.

Os episódios foram escolhidos pelo critério de se apresentava ou não cenas relevantes para as categorias estabelecidas citadas acima, a partir disso, foram escolhidos os seguintes episódios:

1º Temporada: Episódios 1º “Primeiro você sonha, depois você morre”; 6º “A verdade” e 10º “Meia-noite”;

2º Temporada: 11º “Terminado, mas não esquecido”; 14º “Check-Out”; 18º “Colapso”; 19º “A Caixa” e 20º “Verdade Imutável”.

3º Temporada: Episódios 25º “O Acordo”; 26º “Norma Louise”; 27º “A última ceia” e 30º “Inconsciente”.

4º Temporada: Episódios 38º “Infel” e 40º “Norman”.

Quadro 1: Categoria atribuída a cada episódio

Categoria	Episódios
Surtos psicóticos/dissociação	6,10, 14, 19, 25, 26, 27, 30 e 40
Relação dual com a mãe/Relação Incestuosa	1, 19, 20 e 40

Relação com o sexo oposto (função fálica)	10 e 30
Foraclusão/Quebra da identificação imaginária	6, 11, 18, 25, 26, 27 e 38
Retorno do Real	20 e 40

Fonte: Categorias estabelecidas pela graduanda.

3.3.1 Categorias:

A categoria “surto psicóticos/dissociação” se refere aos momentos em que é possível observar o protagonista durante um surto psicótico seguido pela dissociação de imagem, sintomas característico da estrutura psicótica assim como visto na fundamentação teórica.

Quanto a categoria “relação dual com a mãe/relação incestuosa” diz respeito as cenas em que é mostrado a relação entre o protagonista e sua mãe de forma analisar em falas e/ou ações que demonstrem a permanência da relação dual mãe-filho, ponto principal do primeiro tempo do Édipo no qual o psicótico se encontra preso assim como falado durante a fundamentação teórica. Há também momentos que é percebido pela ação de Norman e Norma o desejo incestuoso entre eles, mostrando que eles permaneceram sendo o objeto de desejo um do outro.

A categoria “relação com o sexo oposto” foi escolhida afim de demonstrar, pelas cenas selecionadas, a dificuldade que o protagonista tem de exercer sua função fálica, isso porque, assim como apresentado na fundamentação teórica, essa função depende do significante Nome-do-Pai, que se encontra foracluído na psicose.

Já a categoria “foraclusão/quebra da identificação imaginária” se relaciona aos momentos em que é percebido a utilização pelo protagonista do mecanismo de defesa de foracluir determinado acontecimento como modo de defesa do Eu, enquanto em outras cenas é visto a quebra da identificação imaginária a qual o Eu se apoiava, ocasionando o surto/delírio assim como abordado na fundamentação teórica.

A última categoria escolhida foi “o retorno do real”, que visa exemplificar com determinada cena o momento em que a defesa da foraclusão foi quebrada por algum motivo, trazendo à tona algum acontecimento anteriormente esquecido para preservar o Eu.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bates Motel conta a história de Norma Bates e seus dois filhos, o primeiro, Dylan Massett de 22 anos (idade na primeira temporada), o qual mantém uma relação difícil e repleta de brigas, além disso, ele é fruto de um estupro de relação abusiva e incestuosa entre Norma e seu irmão Caleb Calhoun. Seu segundo filho, Norman Bates, de 17 anos (idade na primeira temporada), é fruto de seu casamento com Sam Bates, a relação de Norma com Norman, diferente da de Dylan, é extremamente íntima – inclusive possuem quase o mesmo nome – e ambos se consideram “melhores amigos”.

A história começa com Norman encontrando seu pai, Sam, morto na garagem de sua casa, aparentemente um acidente, em choque com a morte do pai, Norman chora no colo de sua mãe. Seis meses depois, eles se mudam do Arizona para uma cidade fictícia em Oregon, chamada White Pine Bay, onde compram um motel com o intuito de recomeçarem a vida.

4.1 ANÁLISE DOS EPISÓDIOS

Já no primeiro episódio da série, que se enquadra na categoria relação dual com a mãe/relação incestuosa, é possível perceber como a relação de Norman e Norma é diferente do usual, Norma é uma mãe controladora, que não gosta de ver seu filho com outras mulheres, enquanto Norman é um garoto introvertido, inocente e submisso as ordens de Norma.

Nesse episódio, observamos, principalmente a relação dual entre eles: Norma conhece uma garota na escola e ela o convida para ir estudar, porém sua mãe não o deixa sair, ele frustrado que sua mãe não o permite fazer amizades, vai escondido e descobre que na verdade iriam para uma festa. Enquanto Norman está fora, o ex-proprietário do motel invade a casa e estupra Norma, Norman se sente desconfortável na festa com tantas pessoas e volta para casa se deparando com a cena, ele derruba o homem e eles o amarram na cadeira, enquanto Norman busca curativos para sua mãe, ela pega uma faca de cozinha e esfaqueia o ex-proprietário, Norman vê a cena e diz:

Norman: “Foi por legítima defesa, mãe, não se preocupe, eu irei ajudá-la”.

Essa cena é importante para o decorrer da série, pois é por ela que ele conclui que sua mãe é capaz de matar. Norma e Norman vão até o lago para se livrar do corpo, nesse momento, enquanto Norma chora e se desculpa:

Norma: “Desculpa Norman... desculpa ter deixado aquele homem sujo fazer isso....”, Norman culpado por deixá-la sozinha, faz uma declaração importante:

Norman: “Você é tudo para mim, toda minha vida, todo o meu ser. Pertencemos um ao outro. Uma alma habitando dois corpos”.

Temos aqui a ilusão de unidade, Norman vê sua imagem refletida em Norma, ela é seu objeto de identificação e de paixão, é o seu par do estádio do espelho, o eu-ideal. Assim, Norman se encontra, portanto, nessa relação dual com sua própria mãe (QUINET, 2006).

É possível observar durante o episódio, e ainda mais com a frase final, que não houve o momento de separação entre mãe-filho, que deveria ter sido feita pela função paterna, porém, esse falhou, o que levou a Norman permanecer preso na relação de alienação com a mãe, no primeiro tempo do Édipo, sendo o falo da mãe, um objeto de seu gozo e desejo (GUERRA, 2010).

No sexto episódio da série, enquadrado em ambas as categorias surto psicótico e forclusão/quebra da identificação imaginária, Norma está abalada ao descobrir que o policial Shelby que ela gostava e estavam saindo, na verdade era um homem que havia raptado uma garota e deixado em cativeiro no porão de sua casa, Norman e Emma, sua amiga do colégio, encontram essa garota presa e a levam em segurança para o motel. Norma arrasada com a descoberta, diz a Norman:

Norman: “Vocês precisam se livrar do cinto de Keith...”

Keith é homem que estuprou Norma no primeiro episódio, acontece que Norman guardou o cinto de ferramentas que ele estava usando como recordação, porém o cinto estava em posse de Shelby, que o encontrou debaixo da cama Norman mas decidiu não entregar para a polícia por amar Norma.

Agora com a descoberta do segredo do policial os irmãos Dylan e Norman procuram o cinto que pode incriminar Norma pelo assassinato de Keith, enquanto isso Shelby vai para o motel falar com Norma, ela finge que não sabe do segredo e eles vão para um dos quartos do motel, lá ele escuta o barulho de mais alguém em outro quarto e encontra a garota que ele havia sequestrado, furioso ele derruba Norma e persegue a garota que some na floresta. Quando ele retorna ao motel encontra com

Dylan, Norma e Norman que já haviam se livrado do cinto tentando fugir, porém, Shelby ameaça eles armado a entrarem de volta no motel, lá ele começa a gritar com Norma e agredi-la, Norman então, entre em estado de transe e vai para cima de Shelby, porém ele derruba Norman o nocauteando.

Dylan persegue Shelby pela casa com sua arma enquanto Norma arrasta Norman para fora, Dylan consegue acertar um tiro em Shelby e o mata. Norman acorda sem se lembrar do que estava acontecendo e fica paralisado no carro, enquanto Norma e Dylan conversam nas escadas, Dylan nesse momento questiona Norma sobre a situação de Norman, pergunta o porquê ele agir desse jeito e ter esses estados de transe, Norma então revela a verdade sobre a morte de Sam Bates, seu ex marido e pai de Norman: a relação de Sam e Norma era muito abusiva, ele a agredia psicologicamente, verbalmente e fisicamente, ocorrendo até mesmo estupros que Norman enquanto criança havia presenciado, um dia enquanto eles brigavam, Norman pela primeira vez, entrou em estado de transe e bateu na cabeça de Sam com um liquidificador, que o matou na hora, porém Norman estava paralisado, não respondia nem se mexia, Norma então o arrastou para o quarto e o colocou na cama, depois levou Sam para a garagem e fez parecer com que fosse um acidente, Norman acorda em seu quarto e encontra seu pai morto e desaba a chorar no colo de sua mãe, que percebe que ele não se lembrava do que tinha feito.

É importante ressaltar que o Eu do psicótico é frágil e nunca está completamente selado ou totalizado, isso porque a dimensão simbólica não é instalada. Pode-se dizer que há uma lacuna no Eu, e quando a pessoa se depara com algo que não pode simbolizar, esse Eu cede ao surto psicótico (GUERRA, 2010).

Nesse episódio, vemos o primeiro surto psicótico de Norman mostrado na série, sua psicose já estava estruturada, porém, ao ver seu pai bater na sua mãe, ocasionou a primeira quebra de identificação imaginária a qual Norman se apoiava para fazer a função de Eu. Assim como visto na fundamentação teórica, essa identificação mantinha o Norman articulado a uma imagem, em que ele assumiu o desejo da mãe, e ao ser abalada, desencadeia a dissolução do tripé imaginário da constituição subjetiva dele. Vemos também que seus surtos são acompanhados pela foraclusão desses, ou seja, após o ocorrido, Norman não se lembra do que fez, pois é algo forte demais para ele simbolizar (GUERRA, 2010).

É interessante evidenciar que essa primeira quebra ocorreu justamente ao ver seu pai, que deveria ser sua figura de lei, de imposição, de certo ou errado, ou seja, a pessoa que deveria ter exercido a função do significante Nome-do-Pai, agredir sua mãe, seu objeto de desejo, no qual se encontram presos no primeiro tempo do Édipo em relação dual. Esse acontecimento forçou seu Eu além dos limites da simbolização e então, houve a primeira quebra (apresentada na série). Outro ponto relevante é que a ocorrência do estado de transe que o levou a atacar Shelby durante o episódio ocorreu na mesma situação, a de agressão a mãe por parte de uma figura masculina, que se relacionava com sua mãe (FINK, 2007).

Devo salientar também que, essa quebra da identificação não é definitiva, o sujeito psicótico encontra por meio do delírio e de pontos de suplementação, algo no qual ele posa apoiar o Eu novamente, até que algum acontecimento faça a quebra novamente e assim por diante. Por isso na série vemos essa quebra acontecer mais de uma vez, e no meio tempo entre elas e os surtos e delírios, Norman se comporta normalmente (FINK, 2007).

O décimo episódio da série é marcado tanto pela categoria de surto psicótico/dissociação quanto pela de relação com o sexo oposto (função fálica). Nesse episódio vemos Norman convidar sua amiga Emma Decody para o baile do colégio, mas sem segundas intenções pois ainda se recupera do fora que levou da Bradley Martin, a garota de quem gostava e com quem perdeu sua virgindade. Alguns momentos depois ele encontra sua professora Blair Watson, ela sente que Norman tem “problemas profundos” e desde o primeiro episódio decide ficar mais próxima dele para ajuda-lo, quando Norman entra na sala percebe que Miss Watson está no telefone brigando com alguém e chorando, ele fica observando a conversa e após desligar, Miss Watson vai até ele e pede desculpas pelo ocorrido e há um momento mais íntimo entre eles, ela o abraça forte por alguns segundos limpando as lágrimas:

Blair Watson: “Norman, nunca conte isso para ninguém... agora temos o nosso segredo, ok?”

Norman concorda e vai embora. Enquanto Norman espera Emma para ir ao baile, sua mãe Norma decide contar um dos seus grandes segredos de infância: seu irmão Caleb a estuprava quando eram crianças, essa relação abusiva continuou até ela decidir dar um fim nisso, Caleb ficou furioso e enquanto tentava toca-la, seu pai acaba entrando no quarto, Norma assustada bate em um ferro de passar roupa que

cai em sua perna, formando uma cicatriz. Norman fica sem reação ao ouvir a história de sua mãe, eles se abraçam e assim permanecem até Emma chegar, logo eles vão para o baile, mas Norman aparenta estar desconfortável, com a “cabeça em outro lugar”. Enquanto eles dançam juntos, Norman percebe que Bradley, a garota de quem gostava, estava lá com outro homem, ele fica encarando os dois e Emma se sente incomodada com isso, diz que está chateada:

Emma: “Eu achava que finalmente, quando eu aparecesse arrumada e dançássemos juntos você iria perceber que você sente algo por mim também, pois você sente, mas está ocupado demais pensando na Bradley para perceber isso”

Após confessar seus sentimentos ela sai e deixa Norman sozinho, o acompanhante de Bradley vai confrontar Norman a respeito dele e Bradley terem tido relações sexuais, alegando que ele se aproveitou de um momento frágil dela (o falecimento de seu pai), ele dá um soco no rosto de Norman, que cai no chão sangrando. Norman se levanta, e sem reação alguma, começa a andar pela chuva voltando para casa, no meio do caminho Miss Watson passa de carro por ele:

Blair Watson: “Norman, o que está fazendo na chuva? Por que está machucado? Venha, entra, irei cuidar de seus ferimentos e te levar para casa.”

Norman aceita e ambos vai para a casa dela, lá ela cuida do machucado e diz:

Blair Watson: “Irei trocar de roupa para irmos.... Norman, você não deve contar para ninguém que veio aqui em casa, ok?”

Watson se levanta e vai para seu quarto, porém deixa a porta aberta enquanto tira sua roupa, quando Norman percebe, instantaneamente ele alucina sua mãe sentada ao lado dele dizendo:

Norma (alucinação): “Que tipo de mulher adulta convida um adolescente para sua casa e troca de roupa onde ele possa ver?”

Então, Norman começa a discutir com a alucinação dizendo que não era proposital, enquanto ela continua a julgar o comportamento da professora, dizendo que está tentando seduzi-lo, Norman fica sem reação por alguns segundos e então sua mãe diz:

Norma (alucinação): “Você sabe o que deve fazer.”

Norman se levanta e a cena é cortada para ele correndo na chuva chegando em casa dizendo que não se lembra do que aconteceu, sua última lembrança é de se encontrar com a professora, mas não se recorda se entrou no carro ou não e depois

já estava correndo na chuva na porta de casa. Descobrimos depois, que Norman matou Blair Watson depois de terem tido relações sexuais.

Nesse episódio, assim como no anteriormente analisado, vemos a ocorrência de mais um surto psicótico, que dessa vez foi desencadeado pela sua dificuldade em lidar com o sexo oposto, por conta de sua impossibilidade em exercer a função fálica, já que esta, assim como visto na fundamentação teórica, está estritamente relacionada à função do Nome-do-Pai, que no caso do psicótico, não foi inscrita (GUERRA, 2010).

Além disso, também há a presença da alucinação visual e auditiva de sua mãe, que julga o comportamento da professora, aqui vemos como Norma faz um papel de um Outro tirano, não-barrado, que não deixa que seu objeto de desejo (Norman) obtenha satisfação sem ser como seu objeto. Em diversos momentos da série percebemos como Norma sente ciúmes de seu filho, sempre tentando impedir que Norman estar com outras mulheres – como visto no primeiro episódio – além disso, Norman cresceu ouvindo de sua mãe que as mulheres não prestavam, com exceção dela, que ela seria a melhor amiga dele e ele não precisava de mais nada, sempre julgando o comportamento promiscuo e qualquer contato sexual (QUINET, 2006).

Portanto, quando Norman se depara com algum comportamento que sua mãe, que ele tanto ama e considera “parte dele”, julga e repudia, porém, ao mesmo tempo como um garoto de 17 anos se sente atraído, ele entra em um estado de desordem e de contradição com o que sua mãe diz e com o que ele sente no momento. Como sua mediação simbólica não é suficiente para elaborar tal acontecimento, a alucinação da mãe atua como o Outro sádico e seu discurso se apodera de Norman, trazendo a sensação de estar fora do seu próprio corpo, sendo “outra pessoa”, Norman então, para preservar o Eu, entra no delírio (surto psicótico) e acaba por matar sua professora a “comando” de sua mãe (FINK, 2007).

O episódio 11 da série, vemos majoritariamente a categoria de foraclusão. Durante o episódio percebemos como Norman se utiliza desse mecanismo, sempre subsequente de algum de seus apagões ou surtos psicóticos.

O episódio se inicia com Norman pensativo segurando o colar de Blair Watson, porém ele não entende porque o colar está com ele, logo sua mãe Norma dá a notícia de que Watson foi assassinada na noite anterior e Norman fica extremamente abalado, em seu funeral ele desaba a chorar, e passa os dias obcecado em entender

quem faria algo assim para uma pessoa tão boa, mas também se sente estranho por estar com o colar dela. Ao decorrer do episódio Norman começa a se lembrar do acontecimento da noite passada, agora ele sabe que ele aceitou a carona e foi para a casa dela, o que o fez se sentir mais culpado por não ter salvado ela. Quatro meses depois da morte de Blair Watson, Norman continua insistindo em encontrar o assassino, e passa a maior parte do tempo dele no porão de casa fazendo taxidermia, seu hobby, que segundo ele é “consertar coisas mortas”. Norma fica muito preocupada com o estado de seu filho, que não consegue superar a morte da professora.

Depois de flagrar um homem visitando o túmulo de Blair, Norman vai até o Xerife Alex Romero para mostrar foto desse homem alegando que ele pode ser o assassino, porém Romero começa a desconfiar do próprio Norman e questiona sobre ele ter estado na casa de Watson na noite do acidente, ele conta que ela somente tratou os ferimentos dele e ele foi embora. Romero encontra Norma na cidade e comenta sobre Norman ter ido procurá-lo, Norma volta para casa brava com Norman por ele não conseguir deixar de pensar na Miss Watson, Norman então conta chorando:

Norman: “Eu me lembro mãe... aquela noite, enquanto Miss Watson trocava de roupa... ela deixou a porta aberta, para me seduzir..., mas, eu corri de volta para casa quando percebi, mãe”. (ele ainda não se lembrou que a matou).

Norma: “Não se preocupe Norman, você fez certo, que tipo de professora seduz um aluno? Não foi sua culpa ela ter morrido depois, você não tinha como saber.”

Nesse episódio vemos principalmente o mecanismo de forclusão agindo, assim como em todos os surtos psicóticos ou dissociações que Norman tem durante a série, quando ele mata sua professora Blair Watson, a realidade do ato é forte demais para ele que não tem mediação simbólica o suficiente para isso, portanto, o acontecimento é foracluído como mecanismo de defesa do Eu, isso acontece logo após a todos seus surtos, por isso Norman relata sobre “apagões” em suas lembranças, momentos em que ele estava em algum lugar e logo depois “acorda” em outro (GUERRA, 2010).

No décimo quarto episódio da série vemos novamente a categoria de surto psicótico junto com a forclusão, mas dessa vez, acompanhado pela dissociação de imagem. Nesse episódio, Caleb está na cidade e se encontra com Dylan dizendo que

é o tio dele, mais tarde Dylan confronta Norma a respeito de nunca ter contado que tinha um irmão, Norman interfere na briga dizendo que Caleb não é uma boa pessoa, pois sabe que ele havia estuprado Norma quando criança, Dylan diz que isso é mentira pois Norma é mentirosa e Norman irritado parte para a violência com o irmão, na tensão do momento Norma acaba contando mais um segredo, que nenhum dos dois filhos sabiam, Caleb é o pai de Dylan, o choque desse fato abala muito Dylan, o que causa muitas brigas na família. A noite Norman vai para o quarto de sua mãe e a questiona de nunca ter contado para ele, ela diz que queria esquecer o que aconteceu na infância e agora com Caleb na cidade ela sente medo e queria expulsá-lo, mas não conseguiu confrontá-lo, Norman a abraça na cama e diz que ele irá cuidar dela.

Norman está ajudando na construção de um cenário de uma peça teatral e lá conheceu uma garota chamada Cody, ela percebe que Norman está diferente e descontando sua raiva na construção do cenário, batendo muito forte com o martelo:

Cody: “O que houve?”

Norman: “É a minha mãe...”

Cody: “Todos os pais são chatos, infelizmente não podemos escolher, apenas esperar para fugir deles”

Norman: “Não! Minha mãe não é assim, ela é diferente de todos e faria tudo por mim... Estou apenas preocupado com ela... por conta de coisas que aconteceram...”

Ele conta da história de Norma para Cody,

Cody: “Porque não vamos até o motel dele para dar uma lição e mandá-lo embora?”

Norman aceita e eles vão até o motel, enquanto Cody descobre o número do quarto de Caleb, Norman relembra de sua mãe contando sobre o estupro, nesse momento, cenas de sua mãe sendo estuprada passam pela sua cabeça. Quando eles estão na porta do quarto, Norman fica nervoso e pede para ir embora, ao chega em casa, ele escuta Dylan e sua mãe discutindo sobre Caleb e ouve sua mãe chorando dizendo o quanto ele machucou ela, então, Norman decide voltar para o motel e confrontar Caleb sozinho.

Chegando no motel, Norman vai para o quarto de Caleb, a princípio ele se apresenta como Norman Bates e Caleb, arrumando as malas:

Caleb: “Olha, eu não quero nada com vocês, por favor vá embora.”

Nessa hora, Norman muda sua feição e diz:

Norman: “Não! Eu fiquei calada por muito tempo”, novamente as cenas do estupro passam pela mente dele. “Vim aqui para dizer que eu me lembro do que você fez comigo, estou aqui para te enfrentar e dizer que não tenho mais medo de você”

Caleb fica confuso, pois é a primeira vez que ele e Norman se encontram, eles nunca tinham se visto antes. Norman continua dizendo:

Norman: “todas as noites que você veio ao meu quarto... eu era jovem demais para saber a diferença... eu só precisava de alguém para se importar comigo e tudo o que você fez foi me usar”

Norman então, tira uma faca de cozinha do bolso e parte para cima de Caleb, que se defende dizendo:

Caleb: “Eu nunca fiz nada para você Norman, eu só te conheci hoje!”

Norman: “Não minta para mim novamente!” diz gritando.

Caleb consegue derrubar Norman e tira a faca de sua mão, enquanto Norman diz:

Norman: “você me estuprou... de novo e de novo... eu era sua irmã caçula e eu amava você, você deveria me proteger, eu não tinha ninguém”.

Caleb confuso, percebe que Norman estava falando como se ele fosse Norma, sua mãe e irmã de Caleb, ele se irrita e chuta Norman, pega suas malas e vai embora. Meia hora depois o motel liga para Cody, que encontra Norman sentado na entrada do motel e a gerente diz que ele está assim a meia hora sem dizer nada, apenas olhando para a frente como se estivesse em transe, mas que ela encontrou o número de Cody escrito no braço dele, Cody então leva Norman embora, que permanece o caminho todo em silêncio olhando fixamente para frente, no próximo episódio, vemos que Norman não se lembra do que aconteceu.

Vimos na fundamentação teórica que na estrutura psicótica há a divisão do Eu, e que esse despedaçamento imaginário pode ser visto em casos de múltiplas personalidades no qual uma identificação específica se apodera do Eu, então, quando o psicótico alucina, muitas vezes ele tem a sensação de que Outro ocupou seu lugar (QUINET, 2006).

Novamente vemos o desencadeamento de um surto psicótico por uma falha na simbolização, a informação de que Caleb estuprou sua mãe quando criança é forte demais para Norman, que, ao ouvir sua mãe dizer o quanto ela sofre com isso e

imaginar a cena, ele entra no delírio afim de estimular um princípio explanatório e proteger seu Eu. Novamente o discurso do Outro tirano (sua mãe Norma) se apodera do corpo de Norman, que dissocia sua imagem alucinando que ele na verdade é a própria Norma, por isso ele confronta Caleb falando como se o estupro fosse com ele, em primeira pessoa (FINK, 2007).

O 18º episódio da série nos mostra um momento de quebra da identificação imaginária.

Nesse episódio, a amiga de Norman, Cody, conta para ele que sua mãe Norma, pediu para que ela não falasse com ele sobre os apagões que Norman tem, mas que isso já aconteceu duas vezes na presença dela e que Norma contou para ela que algo acontece com Norman durante esses apagões e ele não parece ele mesmo. Norman, irritado que sua mãe nunca contou sobre isso para ele, discute com ela pedindo para que ela conte o que acontece com ele e fale mais sobre os apagões que ele não se lembra:

Norman: “Você diz que quando eu apago eu não sou mais eu, e faço coisas. Quem eu sou, mãe? Quem eu sou e o que eu faço?”

Norma: “Não irei responder isso, e quero que nunca mais me pergunte sobre!” diz Norma irritada.

A partir disso, a relação entre Norma e Norman se complica, eles começam a se distanciar pois Norman está bravo que sua mãe esconde algo sobre ele mesmo dele.

Norma sai para jantar com um amigo, mas durante o jantar ela começa a se preocupar com Norman e decide voltar para casa, lá ela encontra ele assistindo um filme que eles costumam a assistir juntos e que ela o tinha convidado para ver mas ele recusou, ela então, se senta ao lado dele e diz que sentiu a falta dele, Norman diz que é bobagem pois eles acabaram de se ver, ela pede para ele parar com isso, que ele está sendo cretino por algo que não é culpa dela, ele comenta que só está assistindo um filme e Norma fica irritada e diz que o filme acabou, fechando o notebook dele e novamente pede para ele parar com isso:

Norma: “Não gosto do você desse jeito”

Norman: “Que jeito?”

Norma: “Distante, como se estivesse incomodado comigo”

Norman: “Quer dizer... sendo eu? Como se fossemos diferentes? Como se tivéssemos segredos?”

Norman se levanta para ir embora, Norma irritada, grita com ele dizendo para ele não sair andando assim e vai atrás, e logo depois pede para ele ficar, com voz de choro e lágrimas nos olhos, Norman se vira e fala:

Norman: “Ah entendi, a raiva não funcionou, agora vem as lágrimas”

Norma: “Você não entende!”

Norman: “Eu entendo sim! Você não é quem eu pensei que fosse. Não somos quem eu pensei que éramos!”

Norma: “Somos sim! Nada mudou”

Norman: “Tudo mudou. Você mudou as regras.”

Norma: “Que regras? Do que você está falando?”

Norman: “Eu não confio mais em você e isso mudou tudo. É uma disputa agora, você também não sabe mais quem eu sou, porque somos diferentes”

Norma: “ O que? Para, para com isso Norman, por favor”

Norman: “Foi tudo um jogo, um jogo em que éramos devotos um ao outro e ninguém podia nos separar e que nos amamos mais do que qualquer outro amaria.”

Norma: “Mas nós nos amamos!”

Norman: “Amamos mesmo, mãe? Estou indo para o meu quarto, não me siga, você fica aqui... sozinha.”

No final desse episódio, Norman é sequestrado por bandidos.

Esse diálogo mostra um dos momentos em que ocorreu uma das quebras de identificação imaginária mais importantes, pois acontece exatamente entre o Norman e seu objeto de desejo, Norma. Como foi visto na fundamentação teórica, o sujeito assume o desejo da mãe permanecendo como seu falo, já que não foi barrado pela função paterna. Norman então, viveu sempre a mercê de sua mãe e dos desejos que ela tinha sobre ele, e em troca, ele recebia o seu amor e cuidado, assim o seu frágil Eu, foi sustentado por ela (GUERRA, 2010).

Na relação entre Norman e Norma, nunca houve segredos – pelo menos não aparentes – e nenhum deles permitia espaço para outra pessoa na relação, porém, ao decorrer da série vemos diversos acontecimentos que mudaram essa situação. O irmão de Norman Dylan agora vive com eles, Norman tem uma amiga que trabalha no motel, Norma teve diversos casos amorosos ao decorrer da série, assim como

Norman também teve, isso tudo abalou as poucos a relação dual deles. Quando Norman descobre a respeito de seus apagões e que sua mãe falava sobre isso com outras pessoas menos com ele, isso o deixa frustrado pois seu objeto de desejo que ele tanto amava e que como ele mesmo disse no primeiro episódio é tudo para ele, toda vida dele e todo seu ser: “Pertencemos um ao outro. Uma alma habitando dois corpos”, agora está guardando segredos, por isso Norman diz que sua mãe “mudou as regras”, isso fez com que sua identificação imaginária com ela fosse abalada e agora ele mesmo diz que são diferentes.

No episódio 19, vemos mais um momento de delírio, em que Norman tem alucinações auditivas e visuais.

Nesse episódio, Norman foi sequestrado e está preso em uma caixa no chão suja e repleta de insetos, onde tem apenas alguns buracos para entrar ar e luz. Ele fica na caixa por um dia enquanto sua mãe e Dylan procuram por ele. Em determinado momento, Norman tem uma alucinação com a mãe, estando ali dizendo para ele:

Norma (alucinação): “Eu estou aqui com você, vai ficar tudo bem”

Norman: “E se eu não conseguir achar você?”

Norma (alucinação): “Eu sempre estarei com você, todas as mães vivem dentro de seus filhos. Se ficar preocupado com algo, é só ouvir minha voz dizendo que tudo ficará bem, e ficará”

Norman: “Eu te amo, mãe”

Norma: “Eu também te amo.”

O episódio 19, apesar de breve no que se refere aos conteúdos analisados, nos traz novamente, uma cena de delírio que como visto anteriormente, serve para compensar a falta de um princípio explanatório, o processo delirante então suplementa essa falta (FINK, 2007).

Se no momento que é necessário a simbolização falha, o delírio entra em ação para preservar o Eu. No caso, Norman nunca ficou distante da mãe e nunca esteve em uma situação de perigo antes, Norma, como ela mesmo disse, sempre o protegeu, então estar naquela situação, preso, longe de Norma, sem saber onde estava ou o que estava acontecendo pressionou seu Eu, que já é frágil pela estrutura psicótica e então, recorreu ao delírio para se preservar (FINK, 2007).

Durante a alucinação de Norman, podemos observar como a relação entre eles ainda é simbiótica e dual quando Norma fala que as mães vivem dentro de seus filhos,

isso nos mostra que é assim que Norman se sente em relação a mãe, como se ela vivesse dentro dele. Novamente vemos a ilusão de unidade, na qual Norma é o par do estádio do espelho de Norman e seu eu-ideal, eles estabelecem essa relação dual, na qual são objeto de desejo um do outro, eles “são um só”, como eles mesmo dizem (QUINET, 2006).

Na continuação do episódio 19, o episódio 20, vemos o retorno do real, ou seja, algo que antes estava foracluído, conseguiu retornar à consciência, nesse episódio há também a categoria relação incestuosa com a mãe.

Durante uma noite chuvosa, ainda preso na caixa, Norman começa a ter alguns flashbacks da noite em que aceitou a carona de sua professora Blair Watson, que também foi a noite em que ela foi assassinada, então, Norman se lembra do que realmente aconteceu naquela noite: após ter tido aquela alucinação com a mãe dele, ele se levanta, vai para o quarto de Watson e lá eles tem relações sexuais, logo após ele mata Blair Watson com uma faca.

Xerife Alex Romero e Dylan encontram Norman e o levam para o hospital, sua mãe tenta acordá-lo, Norman ainda tonto pela medicação, diz que tem algo para contar para ela, e diz que enquanto estava na caixa ele teve algumas lembranças. Mas Norma diz que ele pode contar isso depois e o leva para a casa.

No quarto eles deitam juntos e Norma diz que não sabe o que faria se algo acontecesse com ele, ela o beija o deixa descansar. Eles vão jantar e novamente Norman diz que tem algo que ele precisa contar para Norma, ela pergunta o que:

Norman: “Algo que o Xerife me disse e comecei a perceber enquanto estava naquela caixa.”

Norma: “Ele já me falou sobre isso... Sobre a Blair Watson e a amostra de sêmen que ele encontrou sua... não significa nada a não ser que ela estava seduzindo jovens”

Norman: “E o que Romero disse?”

Norma: “Ele apenas insistiu que você fizesse o teste do polígrafo. Não se preocupe, são apenas perguntas....”

Norman: “Perguntas sobre o que?” ele pergunta levantando o tom de voz.

Norma: “Não precisa se preocupar, você apenas dormiu com ela, você não a matou”

Nesse momento, Norman fica sério encarando sua mãe enquanto seus olhos enchem de lágrimas e diz:

Norman: “Eu acho que matei, mãe”

Norma: “Não diga isso. Por que você diria isso?” ela fala preocupada.

Norman: “Quando eu estava na caixa, eu tive algumas lembranças, de coisas que eu não me lembrava antes...”

Norma: “Você estava alucinando, fora de si....”

Norman: “Não! Você vai me escutar!” Diz Norman gritando e irritado, e continua a falar “Não foi uma alucinação! Foi uma memória! Eu pude sentir, aconteceu.... Eu ainda posso sentir, eu me lembro disso da mesma forma que me lembro do gosto do pão de mel no Natal. Eu me lembrei de fazer sexo com Miss Watson e depois eu a matei.... Isso faz tudo ter sentido. Eu faço coisas quando eu apago, não faço? É por isso que você não queria me contar.”

Norma: “Isso é ridículo Norman, ridículo. Está se convencendo de algo impossível”

Norman: “Nós temos que aceitar...”

Norma: “Para! Para com isso agora. Para” Norma perde a paciência e começa a gritar batendo na mesa.

Eles voltam a jantar, como se a conversa não tivesse acontecido e a noite, Norman pega uma arma que sua mãe guarda na gaveta. No outro dia Romero agenda o polígrafo para Norman e ele faz uma lista de coisas que ele tem que fazer, ele passa o episódio cumprindo os itens de sua lista, conta a verdade sobre o estupro de sua mãe para sua amiga Emma e diz que Norma precisa dela, mais tarde ele convida sua mãe para dançar pela casa, durante a dança ele diz que ela é a melhor mãe do mundo.

Norman: “Você é tudo para mim. Eu te amo mais do que minha própria vida”

Norma: “Eu também.”

Norman deixa um de seus trabalhos da taxidermia na cama de Norma, um passarinho, com um bilhete dizendo “Mãe, fiz esse passarinho para você. Eu sempre irei amá-la. E sempre seremos um do outro.”

Norma fica preocupada e começa a procurar por Norman, ela o encontra vagando pela floresta, ele começa a correr e ela o persegue, consegue alcançá-lo derrubando-o no chão, mas acaba se machucando, Norman diz apontando a arma para sua mãe:

Norman: “Desculpe mãe, não queria te machucar. Mas irei fazer isso e você não vai me parar.”

Norma: “Porque?”

Norman: “Porque eu não quero ser quem eu sou. E eu não quero te machucar... tem algo errado comigo, eu sou mau.”

Norma: “Você não é mau, você é inocente, você nunca quis machucar ninguém.”

Norman: “Mas eu machuquei, sei que sim.”

Norma: “Você não sabe o que é real, Norman, você tem esses apagões e eles te confundem”

Norman: “Eu tive um apagão quando meu pai morreu... O que aconteceu naquele dia, mãe?”

Norma: “Me dê essa arma e eu te conto” ela pega a arma da mão dele enquanto se levanta e encosta sua testa na testa de Norman, segurando no seu rosto e diz chorando “Ele estava me machucando. E você tentou me proteger. Você sempre tentou me proteger...”

Norman: “Como você espera que eu viva com isso?”

Norma: “Porque eu morrerei se você morrer. Eu vou morrer Norman. Somos a mesma pessoa. Se você se matar, eu morrerei em seguida. Precisamos ficar juntos. Deveríamos ficar juntos. Não importa o que, eu sempre estarei com você, ao seu lado e encararemos isso juntos. Por favor.” Norma então, beija seu filho na boca por alguns segundos e sussurra na orelha dele novamente “Por favor”.

Norman: “Tudo bem, mãe. Você venceu”.

Norman vai para a delegacia passar pelo teste do polígrafo, ele respondeu todas as perguntas verdadeiramente, desde se ele já roubou dinheiro até se ele fez sexo com a professora Watson e se ele já feriu alguém ou escondeu informações sobre algum crime, todas com “Sim”, porém, quando o investigador pergunta: “Você matou Blair Watson?”, ele tem uma alucinação visual e auditiva de que sua mãe está ali sentada ao lado dele dizendo:

Norma (alucinação): “Tem uma coisa importante que você precisa saber”

Norman: “O que, mãe?” diz sussurrando.

Norma (alucinação): “Você não matou Blair Watson. Eu matei.”

Norman: “Você matou?”

Norma (alucinação): “Sim. Você precisa guardar esse segredo. Promete?”

Norman: “Prometo”

Norma (alucinação): “Eu sempre estarei com você, sempre irei te proteger, lembre-se disso.

O investigador chama a atenção de Norman e pergunta novamente se ele matou Blair Watson, ele responde com convicção que não matou, ele passa no teste e é declarado inocente.

No vigésimo episódio da série, continuação direta do 19º, vemos o retorno do real, Norman relembra de um acontecimento importante, além disso, há também cena em que é mostrada tanto a relação dual e nesse caso, incestuosa, dos dois.

Como visto na análise anterior, Norman está em uma situação que nunca esteve antes, longe da mãe, sozinho, sem ela para protegê-lo, preso sem saber onde está ou o que vai acontecer com ele. Isso faz com que não só ele tenha alucinações, mas também, trouxe o retorno do real, uma lembrança que outrora estava foracluída: ele se relembra que matou Blair Watson logo após fazer sexo com ela. A princípio ele não esboça reação, permanecendo apenas em estado de choque.

Após ser salvo pelo seu irmão Dylan e Xerife Romero, ele tenta contar para mãe, mas Norma ainda não consegue aceitar esse fato apesar de saber que é verdade, ela nega a fim de proteger seu filho de si mesmo. Mais tarde, percebemos como a realidade é difícil para o Eu de Norman suportar, pois não há mediação simbólica, vemos Norman fazer uma lista de suicídio e ir para a floresta para se matar, lá ele diz que não consegue viver sendo quem é, não consegue viver com a realidade que é insuportável para ele, mas Norma, não consegue viver sem seu falo, seu objeto de desejo, e pelo discurso consegue persuadi-lo para continuar vivendo, que irão passar por isso juntos pois ele são “a mesma pessoa” alegando que se ele se matar, ela morre em seguida, aqui vemos novamente a questão da ilusão de unidade na qual ambos se mantem, nessa cena há também um momento profundo e incestuoso entre Norman e Norma no qual eles se beijam na boca, o que nos mostra novamente, que eles continuam presos no primeiro tempo do Édipo, sendo objeto de desejo um de outro, em uma relação simbiótica, não houve e não há castração (SOARES, 2016).

No episódio 25/26, vemos mais uma quebra na identificação imaginária seguido por um surto psicótico acompanhado pela dissociação: Dylan aceita deixar Caleb morar escondido em sua fazenda afastada, sem que sua mãe ou Norman soubessem,

pois sente que apesar de tudo ele é seu pai, e acredita que ele quer se desculpar com todos, porém, Norman acaba descobrindo e apesar de Dylan implorar para ele não contar a Norma, ele diz:

Norman: “Ele estuprou ela...”

Dylan: “Você vai destruir tudo o que construí com ela esses anos”

Norman: “Você traiu a mãe, eu tenho que contar.”

Norman estava convicto que tinha contado para Norma sobre Caleb e Dylan, mas quando Dylan se encontra com Norma para se desculpar, ele percebe que ela não sabe de nada, então, ele diz a Norman que sua mãe não sabe sobre Caleb, Norman sem entender vai até Norma e pergunta:

Norman: “Eu falei com você hoje de manhã, mãe?”

Norma: “Acho que você teve outro apagão hoje de manhã, querido.... Lembra de algo?”

Norman: “Não, eu só pensei... que eu tinha contado algo, mas não importa.”

Norma: “Era algo importante?”

Norman: “Não, não era...”

Norma: “Tente não se preocupar, você não pode evitar ter esses apagões Norman. Não é algo que você faz de errado... Está tudo bem, eu estou aqui por você, eu sempre estarei” ela diz abraçando Norman.

Norman sorri e decide não contar sobre Caleb e Dylan, ele se retira da sala, ele vai até o quarto de Norma e lá, pega um de seus vestidos no armário, ele cheira o vestido e o coloca por cima de seu corpo, como se estivesse sentido prazer com isso. Norma o assusta dizendo que o jantar estava pronto e ele esconde o vestido que pegou do armário da mãe embaixo de sua cama.

Dylan se encontra com Norman no porão para dizer que ele falará com Norma a respeito de Caleb para perguntar se ela poderia considerar conversar com ele.

Dylan: “Sei que o que pode acontecer não será bonito então.... só queria avisar até tudo acabar, ok?”

Norman: “Dylan, eu sei que isso não é sua culpa, eu vou com você para conversar com ela e tentarei ajudar no que for possível.”

Dylan: “Não posso pedir para que faça isso. Se ela me expulsar da casa eu me viro, mas não posso te puxar junto”

Norman: “Sinto que isso seja, em partes, minha culpa. Há algo errado comigo... eu queria acabar com você por estar se aproximando dela (Norma), mas eu não quero ser essa pessoa. Eu odeio essa pessoa. Eu sou um homem agora. Não o garotinho dela e eu quero ser um homem bom. E eu confio na sua decisão, se acha que é a coisa certa a se fazer.”

Dylan: “Obrigado”

Norman: “Você é meu irmão, eu quero estar ao lado quando precisar. Nós somos uma família, nós nos amamos e nós vamos passar por isso. Ajudaremos a mamãe a passar por isso.”

Norma chega em casa e encontra Dylan e Norman sentados sérios na mesa de jantar a esperando.

Norma: “O que está acontecendo?... Bom, ninguém pode estar no hospital já que estamos todos aqui né.... O que houve?”. Ela se senta na mesa com eles.

Dylan: “Eu preciso te contar uma coisa”

Norma: “O que?” Ela pergunta preocupada.

Dylan: “Caleb está na cidade, ele está há um tempo... na minha fazenda.”

Norma: “Caleb, meu irmão?”

Norman: “Apenas o ouça, mãe”

Norma: “ok.”

Dylan: “Ele apareceu logo depois que a mãe de vocês morreu e tentou me oferecer dinheiro da venda da casa. Não aceitei, não queria nada com ele e... depois o carro dele quebrou e... eu precisava de ajuda para construir o celeiro. Ele parecia não ter para onde ir e eu não sabia o que fazer... então eu o deixei ficar.”

A sala fica um silêncio, e Norma fica apenas encarando séria Dylan.

Dylan: “... Ele se sente horrível por tudo que aconteceu, pelo o que ele fez. Sei que é pedir demais para você, mas eu... sinto que preciso perguntar, porque ele está se atormentando por isso. Ele só quer conversar com você. Dizer que ele sente muito pelo o que aconteceu.”

Norman: “Você tem que tentar entender... é o pai dele.”

Norma olha para os dois por um tempo e se levanta em silêncio, vai até seu quarto, pega uma mala e começa a jogar com raiva tudo o que vê pela frente dentro. Dylan e Norman sobem para ver.

Norman: “Mãe, o que está fazendo?”

Norma apenas os ignora e continua a pegar coisas pela casa e colocar na mala com pressa.

Norman: “Mãe, para! Você está me assustando!” Norman grita.

Norma pega um vaso e joga no espelho quebrando-o, em seguida ela pega sua arma embaixo da cama.

Dylan: “Mãe, para! Eu vou sair. Você não precisa fazer isso”.

Norma: “Me deixem em paz!” ela grita pegando a mala e indo embora.

Norman tenta pará-la no meio do caminho, mas Dylan o segura, Norman continua gritando pela mãe enquanto ela sai de casa.

Dylan: “Norman, deixe-a ir”

Norman: “Mãe, você não pode fazer isso!”

Norma: “Seu irmão vai cuidar de você” ela grita irritada enquanto entra no carro.

Norman: “Ela não pode fazer isso! Ela não pode me deixar! Você não pode fazer isso! Mãe!” ele grita e esperneia enquanto Dylan tenta segurá-lo.

O episódio acaba com Norma indo embora de carro. O próximo episódio já se inicia com Norman e Dylan na cozinha da casa enquanto Norman joga e quebra todos os pratos e louças da casa gritando para Dylan trazê-la de volta.

Dylan: “Fica calmo!”

Norman: “Não! Ela nunca me deixou!”

Dylan: “Pare”

Norman: “Não!” e empurra a mesa de jantar no chão.

Dylan: “Ela vai voltar!”

Norman: “Ela não vai voltar! Ela me odeia! Ela me odeia e a culpa é sua, Dylan!” ele começa a bater no seu irmão.

Dylan: “Não é minha culpa!” grita enquanto tenta segurar Norman, mas dá um soco nele o que acaba fazendo-o desmaiar. Dylan leva Norman até seu quarto e o deixa na cama.

A cena corta para Norma chorando enquanto dirige sem rumo, ela vê mensagens de Dylan no celular pedindo desculpas, para ela voltar e ajudar Norman, porém, Norma encosta o carro, joga o celular no chão e dá um tiro nele com a arma. Ela chega em uma cidade e começa a comprar coisas para sua “nova vida”.

Enquanto isso, Norman acorda e Dylan conversa:

Norman: “Ela não vai voltar.”

Dylan: “Ela vai voltar, ela é sua mãe.”

Norman: “É isso o que ela faz... ela vai embora. Assim como ela se mudou do Arizona comigo e não te contou. Ou como sempre nos mudávamos quando éramos crianças. Ou como ela saiu da casa dela e nunca falou com os pais. Agora ela está nos deixando também.”

Dylan: “Não, você é diferente, ela não vai te deixar.”

Norman: “Você não a conhece como eu conheço.”

Dylan: “Vai ficar tudo bem, ela só está brava, vai se acalmar.”

Norman então, faz uma declaração importante:

Norman: “Eu me sinto estranho... como se eu estivesse fora do meu corpo.”

Mais tarde, Norman tem um sonho no qual ele acorda em sua cama e chama por sua mãe, ele se levanta e começa a procurar pela casa por ela, enquanto a chama, sua casa aos poucos começa a tremer e despedaçar, até que ele acorda assustado.

Norman começa a ter alucinações enquanto faz taxidermia, ele acha que o pombo que ele está cortando está vivo, assim como sua cadela Juno que morreu atropelada volta a vida também. Dylan e Emma encontram Norman sentado no porão, encarando a parede sem piscar com um leve sorriso no rosto, não importa quantas vezes eles o chamem ou passam a mão em frente ao rosto dele, Norman não esboça uma única reação. Eles conseguem fazer Norman levantar e ele apenas caminha para seu quarto automaticamente enquanto diz “Eu quero minha mãe”, Dylan e Emma o acompanham e Emma sugere para que eles o coloquem no quarto da mãe, para ele se sentir seguro, então eles fazem Norman deitar na cama de Norma.

No meio da noite, Dylan escuta barulhos na cozinha e vai checar o que é, ele encontra Norman cozinhando usando um dos vestidos de sua mãe.

Dylan: “O que está fazendo?”

Norman: “Sente-se, querido, o café da manhã está quase pronto” diz ele enquanto afina sua voz.

Dylan: “Está melhor?”

Norman: “Eu estou ótima. Colhi algumas lindas amoras ontem, pode pegar na geladeira.”

Dylan: “Norman?” diz ele confuso.

Norman diz: “Norman ainda está dormindo” ele volta a cozinhar e diz “Me dê as amoras, estão na prateleira de baixo”.

Dylan sem entender o que estava acontecendo pega as amoras e observa Norman preparar a mesa e o café da manhã normalmente.

Dylan: “Quer ajuda?”

Norman: “Não precisa. Vá acordar seu irmão para a gente comer.”

Dylan: “Meu irmão?”

Norman: “Sim, seu bobo. Qual o problema com você?”

Dylan: “Nada”

Norman: “Então suba logo, você sabe como Norman é, ele dormirá a manhã toda se não o acordar.”

Enquanto isso, mostra que Norma estava na casa de seu psicólogo James, eles dormiram juntos e lá ela contou sobre Norman e seus apagões, inclusive sobre o acidente que o fez matar seu ex-marido. De manhã, James acorda e vê Norma se arrumando:

James: “Não, Norma, pare, sei que não parece, mas você está em um estado muito frágil agora e precisa parar de querer cuidar de todo mundo e cuidar de si mesma.”

Norma: “Eu entendo, mas eu não posso cuidar de mim mesma. Eu sou uma mãe. Agora eu preciso ir falar com meu horrível irmão. Quer saber? Eu não tenho escolha, porque isso é importante para os meus filhos” diz ela irritada enquanto se arruma apressada.

James: “E quanto as suas próprias necessidades?”

Norma: “Pais não tem suas próprias necessidades! Já leu o livro “A árvore generosa” ? É sobre uma árvore e essa criança continua vindo e pegando coisas dela sua vida inteira, até não sobrar nada exceto um cepo, e então a criança se senta no cepo. Isso é ser mãe.”

Norma então retorna para casa, e encontra Norman e Dylan dormindo em seu quarto na cama.

Norma: “Acorda, Norman, acorda”

Dylan e Norman: “Mãe?”

Norma: “Levanta-se, precisamos ir”

Norman: “Aonde vamos?”

Norma: “A fazenda, falar com seu tio”

Dylan: “Essa não deve ser a melhor hora. Você não precisa... foi uma má ideia”

Norma: “Não importa, o estrago está feito, nós vamos.”

Norman: “Porque faremos isso?”

Norma: “Porque eu disse!”

Dylan: “Eu não quero ir!”

Norma: “Eu também não quero! Mas não vou ser a mãe que diz que não quer falar com seu pai porque eu o odeio por me estuprar. Não é o que pais fazem. Então entrem no maldito carro!”

Eles vão até o encontro com Caleb, lá, ela bate na porta e quando Caleb abre, eles apenas se encaram e ela começa a chorar e querer ir embora, Caleb vai atrás dela e diz:

Caleb: “Norma Louise, eu sinto muito! Eu sinto muito! Eu sinto muito!” ele ajoelha aos pés dela e começa a chorar também pedindo desculpas.

Norma se abaixa e ambos se abraçam enquanto choram e Caleb pede desculpas

Dylan observa a cena feliz, porém Norman não se parece muito feliz com o que está vendo, e assim acaba o episódio.

Os episódios 25 e 26 são diretamente interligados, e nos mostra o quão dependente Norman é de sua mãe, apesar dele mesmo dizer que não “não é mais o garotinho dela”, em contrapartida Norma também não consegue se priorizar, acabando sempre por retornar aos seus filhos, especialmente quando se trata de Norman.

Norman, a princípio quer contar para mãe sobre a “traição” de Dylan, isso porque, como ele mesmo diz ele sente vontade de “acabar” com o Dylan por ele ter se aproximado de Norma, mas muda de ideia quando percebe que ele teve um apagão e não contou sobre, nesse momento ele decide ser o homem que ele quer ser e deixar de ser o garotinho de Norma, ele escolhe ficar ao lado de seu irmão e sugerir que Norma e Caleb conversem, pois segundo ele, ele odeia a pessoa que ele é quando tem vontade de acabar com o irmão. Vemos aqui a contradição na personalidade de Norman, isso porque seu Eu é frágil e não é formado completamente como vimos na teoria, ao mesmo tempo que ele quer ter Norma como seu objeto de desejo e não dividi-la com mais ninguém, essa sensação o assusta, pois Dylan é seu irmão, e filho de Norma também (GUERRA, 2010).

Entretanto, a conversa com Norma não saiu como Dylan e Norman esperavam e faz com que Norma abandone eles partindo para outra cidade. Esse momento é forte demais para Norman, é a primeira vez na qual ele foi castrado, abandonado pela mãe que antes nunca o havia deixado, Norman passa por essa situação sem mediação simbólica, pois ele não tem o significante do Nome-do-Pai instalado como visto na teoria, e é ele quem faz essa função de significar a castração (SOARES, 2016).

Como o Eu de Norman é frágil, e é justamente mantido pela identificação imaginária e/ou suplementações, ao ver sua mãe, seu objeto de desejo, seu eu-ideal, com quem compartilha de uma relação dual ir embora, houve mais uma quebra na identificação e fez com que seu Eu despedaçasse, como foi representado no sonho em que sua casa estava desmoronando. Norman mesmo diz a Dylan que se sente estranho, como se estivesse fora do próprio corpo, isso porque como ele mesmo e Norma dizem um para o outro: eles são um só, uma alma habitando dois corpos. Com sua mãe longe, o Eu de Norman fica abalado, pois ele e Norma se encontram até hoje em uma relação fusional do primeiro tempo do Édipo, pois Norman assumiu o desejo da mãe para si (sendo seu falo) e agora ela o abandonou, assim, levando consigo a imagem de corpo que Norman tinha, ou seja, seu sentido no mundo “acabou” (FINK, 2007).

Com o Eu abalado, sem identificação imaginária e sem capacidade de simbolizar o que estava acontecendo, para proteger seu Eu, Norman entra em um estado delirante no qual ele mesmo é sua mãe Norma, ele age como ela, afina sua voz, usa suas roupas e refere a si (Norman) em terceira pessoa. Isso porque o psicótico, pelo processo delirante organiza e gera explicações para as coisas que acontecem e eles não conseguem simbolizar, ou seja, ele estimula seu próprio princípio explanatório que está ausente na psicose. O delírio então serve para compensar e suplementar essa falta, a fim de proteger o Eu (FINK, 2007).

Nesse episódio há também, um dos primeiros indícios explícitos de que Norman olha para sua mãe de uma maneira sexual, ele esconde um de seus vestidos embaixo de sua cama, enquanto o cheira e o veste como se sentisse prazer. Novamente vemos que Norman não foi castrado pela figura paterna, que tem a função de interditar essa relação incestuosa, impedindo que a criança fique presa na

alienação fusional como objeto da mãe e a mãe como seu objeto (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

No episódio 27 vemos novamente a relação dual e incestuosa que Norman mantém com a mãe, e como ele se nega a dividi-la com qualquer outro: Norma apresenta James a Norman, mas ele não parece muito contente, ela vai até o porão onde ele está fazendo taxidermia e diz que gostaria que Norman conversasse com James, que é psicólogo, Norman aceita contanto que seja sozinhos.

James: “Não precisa ficar nervoso por falar comigo Norman, é o que eu faço, sou um profissional, já cuidei de tanta gente.”

Norman: “Eu não estou nervoso... deve ser muito bom né, o que você faz, ajuda as pessoas.”

James: “É sim... gosta de taxidermia?”

Norman: “É, eu gosto, acho bastante tranquilo... assim eu me abstraio do mundo exterior”

James: “Como assim?”

Norman: “Às vezes quando eu estou no mundo sinto como se tivesse um zumbido irritante que não para nunca, então fico aqui com meus animais e tudo entra em silêncio.”

James: “Interessante... fala mais sobre isso, sobre o zumbido.”

Norman: “É como um mundo cheio de gente, tantas pessoas com suas opiniões, julgamentos críticas e teorias, gente achando que ajuda os outros, mas são inúteis, não sabem de nada.... Posso te perguntar uma coisa?”

James: “Claro”

Norman: “Como que foi transar com minha mãe?”

James: “Por que você acha que fizemos isso?”

Norman: “Porque eu conheço ela faz tempo.”

James: “Ficaria incomodado se alguém dormisse com sua mãe?”

Norman: “E se a sua mãe abandonasse você e seu irmão em uma noite, sem dizer onde ia ou quando iria voltar, e depois se jogar como uma vadia na cama de um cara que ela nem conhece, um terapeuta qualquer que corre o risco de perder sua licença por isso, mas isso não vem ao caso, todo esse comportamento incomodaria você?”

James: “Sim, é claro”

Norman: “Então... como é que ela transa?”

James: “Não é uma pergunta apropriada Norman.”

Norman: “Que isso.... nós dois somos homens, sabemos muito bem como é... ela se entregou totalmente?”

James: “Nosso papo termina aqui.” Diz enquanto vai para as escadas sair do porão, Norman vai atrás dele.

Norman: “Ué, ficou sem graça? Por que eu sei? Por que eu posso imaginar como foi? Você realmente achou que iria guardar um segredinho? “Ah, a gente transou, mas agora vamos ali embaixo tratar o doido do Norman”.

James: “Por que importa tanto se sua mãe transou ou não? Qual o problema se ela gostar de alguém? Teme que ela se afaste de você? Norman, você... quer transar com sua mãe?”

Norman tem um surto de raiva e vai para cima de James, o empurrando e segurando no seu pescoço dizendo:

Norman: “Como se atreve a vir para minha casa e dizer algo assim?!” ele percebe que James estava sufocando e o solta, que em seguida sai correndo do porão.

Durante a noite, Norman vai até o quarto de sua mãe enquanto ela dorme e fica a observando, depois ele passa a mão pela sua cintura.

Esse episódio apresenta novamente o ciúmes que Norman tem de sua mãe, e que ele não suporta pensar em uma terceira pessoa na relação deles, que atraia o desejo da mãe para si, somente ele quer ter esse lugar já que, como visto anteriormente, por conta da falta de castração Norman permaneceu em uma relação fusional de alienação sendo o objeto da mãe e a mãe como seu objeto (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

O episódio 30 se encaixa tanto na categoria de surto psicótico/dissociação quanto no de relação com o sexo oposto: Norman encontra Bradley novamente, a garota por quem era apaixonado, ele e Dylan ajudaram ela a fingir suicido e fugir para outra cidade mas ela retornou pois não tinha mais dinheiro e estava difícil viver sozinha, então, ela pretendia contar para a mãe que foi tudo um plano e pedir para aceita-la novamente, enquanto isso, ela ficaria no motel de Norman sem que Norma soubesse.

James é sequestrado por inimigos de Norman, e ele acaba contando para eles sobre a verdade da morte de Sam, ex-marido de Norma e pai de Norman. Norma descobre e preocupada em reabrir o caso da morte de Sam, ela decide jogar fora os trabalhos de taxidermia de Norman para não levantar suspeitas, Norman irritado discute com sua mãe e comenta:

Norman: “Você diz que eu apago e faço coisas, mas é você quem está vasculhando o porão e jogando as coisas fora... eu começo a pensar, se na verdade não foi você quem matou o meu pai e joga a culpa em mim.”

Norma fica abalada com o que Norman disse e percebe que ele precisa ser tratado o quanto antes.

Bradley descobre que sua mãe casou novamente e que age como se ela nem tivesse existido, não há fotos com ela e seu pai e seu quarto agora é uma sala de ginástica, Bradley abalada decide que vai fugir novamente, mas não sabe como viver, ela pede para que Norman fuja com ela mas ele fica incerto sobre isso, pois tem medo de machuca-la, eles se beijam e enquanto estão na cama, Norman começa a alucinar que sua mãe Norma está o chamando, ele tenta ignorar mas a voz fica cada vez mais forte, ele pede desculpa a Bradley e vai embora, quando sai do quarto ele vê sua mãe, que na verdade é uma alucinação, ele pede desculpa a ela e dão as mãos voltando para casa juntos.

Norma visita um hospital psiquiátrico para internar Norman, porém o preço é muito caro e ela fica em dúvida se é a coisa certa a fazer. Bradley invade sua antiga casa e rouba um monte de dinheiro e joias para vender, novamente convida Norman para fugir junto a ela, ele diz que irá pensar. Norma conversa com Norman a respeito do hospital psiquiátrico, diz que gostaria de colocar ele lá pois teria um tratamento correto e é um bom lugar, mas Norman não gosta da ideia e se sente traído, diz que sua mãe desistiu dele.

Norma vai até o quarto de Norman e encontra ele arrumando as malas e ele diz:

Norman: Estou indo embora.

Norma: Como assim? Sozinho?

Norman: Por que acha que estarei sozinho?

Norma: Aonde você está indo? Com quem?

Norman: Pare de falar como se eu fosse louco.

Norma: Calma.

Norman: Talvez você deva ligar para o hospício e dizer que eles devem vir mais cedo me buscar. Talvez isso seja difícil de acreditar, mas eu não preciso de você, de várias formas eu acho que fomos horríveis um para o outro. Eu te amo, sim, e sempre te amarei, mas se eu me tornei um fardo muito pesado acho que não ficamos mais bem juntos, acho que não somos saudáveis, acho que seria melhor se nos separássemos.”

Norma: “Ok Norman, vamos nos separar, mas não precisa partir”

Norman: “Deus! Para de falar comigo dessa forma! Tem um ser humano esperando por mim e nós vamos partir juntos! Para de me proteger, você é péssima! Eu vou embora com Bradley”

Norma: “Quem é Bradley? Do que está falando?”

Norman: “Mãe, tem algo muito errado com você. Já conversamos sobre isso, Bradley Martin lembra? Lá fora do motel, ou só estava me tentando me deixar mais louco?” – nesse momento Norman está se referindo a conversa que teve com a alucinação da mãe dele fora do motel –

Norma: “Mas Bradley Martin está morta”

Norman: “Não está!”

Norma pega a mala de mão de Norman e começa a puxá-la.

Norma: “Eu não vou deixar que saia dessa casa!” ela perde o equilíbrio e cai escada abaixo, Norman aproveita para fugir mas ela se levanta e nocauteia ele, o levando para o porão, desesperada Norma liga para Dylan ajudar, mas quando eles retornam para o porão, Norman não está mais lá.

Norman se encontra com Bradley e diz que ele irá junto com ela, ela agradece e fala que está feliz que mudou de ideia, eles entram no carro e partem para a estrada, até que Norman alucina que sua mãe está no banco de trás dizendo:

Norma (alucinação): “Preciso falar com a Bradley”

Norman: “Não, você precisa ir embora”

Bradley: “O que?”

Norma (alucinação): “Não vou embora até me deixar falar com a Bradley”

Norman: “Se eu deixar, você vai?”

Norma (alucinação): “Claro”

Norman vira para Bradley e diz: “Minha mãe gostaria de falar com você”

Bradley: “Do que você ta falando?”

Norman: “Encosta.”

Eles encostam o carro, e Norman com a voz mais afinada diz:

Norman: “Você realmente pensou que afastaria o Norman de mim com aquele sexo básico de vocês?” – nesse momento, Norman dissocia sua imagem novamente para a mãe dele, Norma –.

Bradley: “O que?”

Norman: “Não, Bradley... Não tente me fazer de boba, eu praticamente inventei essa rotina.” Norman sai do carro e puxa Bradley para fora.

Bradley: “Norman!”

Norman: “Cala a boca sua vadia!” Bradley começa a correr e ele a persegue a derrubando no chão. “O que você estava pensando?” Norman pergunta enquanto bate a cabeça de Bradley em uma pedra “Ninguém nunca ficará entre mim e meu filho.”

Norman volta para si e vê Bradley morta e diz:

Norman: “Mãe, o que você fez?”

Ele coloca o corpo de Bradley no porta-malas e empurra o carro em um lago, após isso, ele alucina novamente sua mãe falando:

Norma (alucinação): “Ela era um desastre. Fiz um favor a ela, ela estava pedindo para morrer. E mais importante, ela iria tirá-lo de mim, certo? Eu nunca poderia deixar isso acontecer. Você morreria lá fora e eu morreria aqui, nós pertencemos um ao outro. Eu vou cuidar de tudo isso, mas você não pode contar para ninguém, será o nosso segredo, promete?”

Norman: “Prometo.”

Nesse episódio vemos mais um dos surtos psicótico de Norman, que são acompanhados pela sua dissociação de imagem, além disso, sua dificuldade em exercer a função fálica e se relacionar com o sexo oposto.

O surto psicótico de Norman desse episódio acontece de maneira semelhante do qual ele teve quando matou sua professora Watson, Norman está abandonando sua mãe, tendo um comportamento que ele mesmo tanto julgou quando ela o fez, além de tudo, está indo embora com uma mulher que ele tem intenções sexuais, fato que sua mãe repudia e que viveu dizendo para ele como mulheres são promiscuas e não prestavam. Assim, Norman se encontra novamente dividido entre sua vontade e

o discurso de sua mãe, um Outro tirano, não-barrado, que não deixa que seu objeto de desejo (Norman) obtenha satisfação sem ser como seu objeto (FINK, 2007).

Como sua mediação simbólica não é suficiente para elaborar esse impasse, a alucinação da mãe atua como o Outro sádico e seu discurso se apodera de Norman, trazendo a sensação de que sua mãe “o possuiu”, sendo “outra pessoa”, Norman então, para preservar o Eu, entra no delírio (surto psicótico) e acaba por matar Bradley enquanto pensa que na verdade, ele era Norma (FINK, 2007).

Como foi dito na teoria, na estrutura psicótica há a divisão do Eu, podendo ser visto em casos de múltiplas personalidades no qual uma identificação específica se apodera do Eu, então, quando o psicótico alucina, muitas vezes ele tem a sensação de que Outro ocupou seu lugar, caso que aconteceu durante esse surto, no qual Norma “se apodera” de Norman (QUINET, 2006).

Com relação ao exercício da função fálica, novamente Norman é barrado por seu inconsciente alucinando sua mãe não permitindo que ele tenha relações sexuais, isso por conta desse discurso do Outro sádico, ele entra em conflito entre o querer e o não poder, pois na relação dual com Norma, ele é o objeto de sua mãe, assim como sua mãe é o seu objeto (SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

No episódio 38 da série, é possível observar mais uma quebra na identificação imaginária de Norman, dessa vez causada por um encontro com Um-Pai, ou seja, pela entrada de um terceiro na relação até então dual entre ele e Norma.

Norman descobre que sua mãe casou com Xerife Alex Romero enquanto ele estava internado no hospital psiquiátrico, ele fica arrasado e confronta sua mãe durante uma de suas visitas, ela diz que não era o que ele pensava, que ela tinha feito apenas pelo dinheiro para que ela pudesse pagar o tratamento de Norman – o que era mentira, ela realmente amava Romero – então Norman pede para ela provar que nada mudou e deixar ele voltar para casa, Norma aceita.

Norman percebe como as coisas na verdade mudaram e que Norma está diferente apesar de ela negar, em um dos almoços Norman agradece:

Norman: “Obrigada mãe, por tudo que você passou e teve que suportar para conseguir a ajuda que eu precisava”

Norma: “Você sabe que eu faria tudo por você, querido”

Norman: “Então... o xerife realmente precisa morar aqui?”

Norma: “Sim... as vezes”

Norman: “Às vezes?”

Norma: “Na verdade... nós nos tornamos bons amigos, e ele fez tudo isso, para ajudar... foi muito gentil você deveria agradecê-lo”

Norman: “Claro, ele é muito gentil eu irei agradecer, realmente estou grato pelo o que ele fez por nós”

Norman vai até a delegacia para encontrar Romero, lá ele pergunta como Norman esta:

Romero: “Como está? Como foi lá?”

Norman: “Estou bem, muito melhor na verdade, Pineview é um lugar maravilhoso, eles me ajudaram muito”

Romero: “Que bom, fico feliz em ouvir isso”

Norman: “Só queria agradecer por tudo que fez por mim e pela minha mãe, sei que foi um tempo difícil para ela e foi muito bom ela ter um amigo. Ah, o fato de você ter casado com ela, foi mais do que suficiente, ambos estamos agradecidos... então, só quero que saiba que isso já pode acabar.”

Romero: “Acabar com o que?”

Norman: “Eu sei que vocês se casaram por causa do plano para o tratamento, e não quero ser um fardo para você, eu sou um adulto e conseguirei meu próprio plano”

Romero: “Um plano é muito caro e sei que o motel não está indo bem...”

Norman: “Há outros trabalhos além do motel, posso fazer outras coisas. Então assim que eu tiver resolvido tudo, em duas semanas, você e minha mãe poderão se divorciar”

Romero: “Sabe Norman... as coisas mudaram, faz parte da vida...”

Norman: “Não, você está errado. Algumas coisas nunca podem mudar, coisas que você não sabe sobre e nunca saberá. Mas eu lembrarei que você ajudou minha mãe enquanto ela estava confusa e vulnerável”

Romero: “Acho que você deve tomar cuidado até onde você quer levar isso Norman.”

Norman: “Eu avisarei quando tiver meu próprio plano e começaremos com os documentos para divórcio, para não expor sua fraude”.

Norman se levanta e vai embora. Norma, Norman, Dylan e Emma vão comprar uma árvore de natal, lá Norma conta que sabe a respeito da conversa entre Norman

e Romero e que não gostou do jeito que aconteceu, após Norman confronta-la, Norma admite que casou com Romero não só pelo plano de saúde, mas sim porque gosta dele, Norman fica sem reação e após alguns segundos ele vomita, então eles voltam para casa.

À noite, Norman vê o carro do xerife chegando na casa e escuta pela parede a conversa entre ele e sua mãe, Norman percebe que eles estavam se beijando e faz um pequeno buraco na parede para observá-los. Durante um jantar entre Norman, Norma e Romero, Norman volta a falar sobre conseguir seu próprio seguro e Norma pede para ele parar de ser rude:

Norma: “Isso não está sendo fácil eu sei, nós todos estamos tentando.”

Norman: “Nós? É assim que vai ser a partir de agora?” pergunta apontando para Romero e depois para sua mãe.

Norma: “Sim, estamos casados.”

Romero: “Eu sei que parece estranho, vocês passaram a vida sendo só vocês dois, mas agora tem que se acostumar e sei que você vai...”

Norman: “Parece que tem algo que você não está entendendo Alex. Nada vai mudar. Você pode estar casado com ela, dormindo com ela, mas nunca vai ficar entre nós.”

Romero: “Eu... não entendi.”

Norma: “Norman, há espaço no coração para mais de uma pessoa, isso não diminui o amor que já estava lá.”

Norman: “Sério? Imagine que estamos em um navio no mar, ele começa a afundar e só tem um pequeno bote, com espaço e suprimento apenas para duas pessoas, quem você vai colocar no barco com você?”

Romero: “Pode ser eu e você Norman, a gente a deixa no navio”

Norma ri da piada de Alex e diz:

Norma: “Não faça piadas Alex... Isso é um absurdo Norman, nós não estamos afundando, estamos em uma linda e grande casa e estamos todos bem.”

Norman: “Você é tão hipócrita, mãe. Minha vida inteira você me manteve tão perto de você que eu não conseguia respirar sem você. Você nunca quis que eu tivesse uma namorada ou me divertisse. Eu abri mão de tudo, de tudo por você mãe, e eu fiz isso feliz porque eu compreendo que a nossa ligação, o cordão que existe, ele é importante, sagrado e único, e agora você quer me dizer que não importa, agora, de

repente, tem espaço para mais alguém. Não tem e você sabe, esse é o nosso mundo, nosso mundo, mãe, e isso é o amor, amor verdadeiro, não esse cadáver pálido que você quer pôr no lugar e nunca conseguirá. Você está em um relacionamento e ele a está fazendo achar que é possível.”

Norma: “Coloque isso na sua cabeça: ninguém está me obrigando a fazer nada, eu sou uma adulta. Eu o amo, ele me ama e pronto. E você vai ter que lidar com isso!”

Norman vai para fora da casa com os olhos lacrimejando, ele pega um machado e começa a cortar toda a madeira que vê pela frente, batendo em tudo até mesmo na casa enquanto grita:

Norman: “Eu te odeio! Eu te odeio! Eu te odeio!”.

Nesse episódio podemos observar o encontro com Um-pai, um terceiro que entra na relação dual imaginária, antes Norma e Norman tinham uma relação fusional, pois seu pai não exerceu sua função de separação e Norman tomou o desejo da mãe para si (sendo seu objeto fálico), porém, agora Romero se situou na posição de terceiro na relação entre ele e seu par imaginário (Norma), ele conseguiu atrair o desejo da mãe para si, que antes era somente atraído pelo Norman, quebrando a até então relação dual imaginária entre Norman e Norma, na qual eles eram seus objetos de desejo (QUINET, 2006).

Norman não consegue aceitar tal fato, ele entra em um surto de raiva pois não imagina como sua mãe poderia amar outra pessoa além dele, sendo que, como ele mesmo disse, sua mãe manteve ele tão perto dela que Norman não conseguia respirar sem a mãe, e sempre o proibiu de ter uma namorada ou se divertir, pois sua mãe tem um papel de Outro sádico, tirano, que não foi barrado pelo pai e não aceita que seu objeto fálico goze sem ser com ela, porém as coisas estão diferentes e Norma tem outro objeto fálico. É interessante notar a comparação de Norman “Eu abri mão de tudo, de tudo por você mãe, e eu fiz isso feliz porque eu compreendo que a nossa ligação, o cordão que existe, ele é importante, sagrado e único” ele compara a relação deles como um cordão, associando ao cordão umbilical que até então nunca havia sido cortado.

O último episódio a ser analisado, 40, nos mostra mais uma vez uma falha na forclusão e então, o retorno de real seguido pela criação da metáfora delirante mais forte de Norman, que perdura até quase o fim da série.

Durante uma noite, Norman na tentativa de estar junto com sua mãe para sempre, onde ninguém entraria no caminho deles, ele tenta suicídio e planeja levar sua mãe junto. Ambos dormem juntos na cama dela e no meio da noite ele deixa o gás da cozinha e do porão vazando para que ambos morram intoxicados por monóxido de carbono, entretanto, seu plano falha pois Norman apenas desmaia, mas Norma, sua mãe, realmente morre nessa noite, Norman acorda tonto e vê Alex, marido de Norma, chorando tentando reviver seu corpo, Norman é levado pela ambulância e enquanto estão a caminho do hospital tem uma lembrança da época em que era criança brincando de pega-pega com sua mãe:

Norma: “Você é tão rápido.”

Norman: “Eu não gosto quando você corre de mim.”

Norma: “É só um jogo, eu nunca abandonaria você. Sabe que é só um jogo, né?”

Norman: “Promete, mãe? Você nunca vai me deixar sozinho?”

Norma: “Prometo, Norman”

No hospital, os médicos contam para Norman que sua mãe faleceu, mas Norman permanece em silêncio, sem reação, os médicos assumem que é por conta do monóxido de carbono ainda afetando o cérebro e a memória. Romero suspeita que foi tudo um plano de Norman e o busca no hospital, lá eles discutem:

Romero: “Você e eu sabemos que isso não foi um suicídio.”

Norman: “Eu avisei vocês dois, isso (o casamento deles) nunca daria certo. Você a pressionou muito e ela não aguentou, se ela estiver morta, a culpa é sua.”

Romero: “Isso não é verdade.”

Norman: “É sim. Eu não quero você perto de mim, não quero você na casa e não quero você perto dela tanto na casa funerária quanto no funeral, eu nunca mais quero ver você.”

Romero: “Ok, me deixe fora de tudo. Eu não me importo, ela morreu, o que mais importa? Mas eu irei provar que foi você quem fez isso.”

Norman volta para casa e nos é mostrado ele jantando sozinho na casa escura, apesar disso, ele colocou a mesa para duas pessoas, ele olha para o lugar de sua mãe e vê que ela não está ali, então ele sobe até o quarto de Norma e se deita na cama dizendo:

Norman: “Eu serei paciente, mãe.”

O dia amanhece e Norman se olha no espelho se perguntando: “O que eu tenho que fazer, mãe?” ele decide jogar fora todos os remédios que ele tomava do hospital psiquiátrico, após isso o agente funerário liga para marcar os planejamentos do funeral, Norman aceita e deixa claro que não quer que Romero participe.

Enquanto Norman fazia os preparativos com a agência ele aparentava estar bem calmo, e se referia a Norma como se ela ainda estivesse viva, como exemplo: “Ela vai gostar assim”. Ele pede para ver o corpo de sua mãe antes dele ser preparado, eles aceitam e levam Norman até o corpo. Norman entra na sala, vê o corpo de sua mãe na mesa, toca sua pele, seus cabelos e segura sua mão, ele percebe que ela está usando a aliança de casamento (Romero colocou novamente no corpo), ele se irrita e tira a aliança, depois ele se abaixa para bem perto do corpo e diz:

Norman: “Mãe, eu queria que você me tivesse dito do plano.”

Após isso, Norman começa a alucinar e Norma abre os olhos, olha para ele, sorri e os fecha novamente.

Norman não se assusta, ele apenas sorri de volta, como se tivesse entendido algo naquele momento, ele beija sua mãe na testa e sai da sala com pressa.

Quando ele retorna para casa ele escuta sua mãe cantando e tocando piano, ele corre para encontrá-la, mas ela não está lá, logo depois sua cadela Juno (que morreu atropelada na primeira temporada) aparece viva, ele conversa com Juno:

Norman: “Não se preocupe, ela vai voltar logo, eu posso sentir, ela só quer que a gente seja forte e um pouco mais paciente. Temos que entender que ela quer que o mundo pense que ela morreu, para que ninguém nos machuque e então ela voltará para nós. Eu sei que vai, até lá, temos um ao outro”.

No funeral de Norma, Norman não convida ninguém, apenas ele e a agência funerária está lá, Norman então, começa seu discurso:

Norman: “Minha mãe foi a pessoa mais incrível que já existiu. Sua beleza não se explicava em palavras, radiante, metade rainha e metade garotinha. Ela tinha uma inocência que iluminava tudo o que ela fazia, tudo o que ela tocava, cada palavra que ela dizia. Ela era como um milagre, e eu sinto falta dela – aqui Norman começa a chorar e ter dificuldade em falar – eu sinto muito, muito a falta dela. Eu não acredito que ela partiu. Não era para ela me deixar. E eu sei que dizem que Deus tem um plano e devemos confiar. Temos que confiar no plano, mas seria bom saber que diabos de plano é esse – Norman se vira e olha para a foto de sua mãe perguntando – Acho que

ninguém pensou que seria importante me dizer como descobrir essa merda sozinho! Como crianças nós devemos cegamente... – Nesse momento, Romero entra na capela do funeral, Norman vai até ele –

Norman: “Você precisa ir embora. Ah, eu tenho algo para você!” ele devolve a aliança de casamento para Romero, que dá um soco nele e começam a brigar até que o padre consiga separá-los.

Norman retorna para a casa e fala:

Norman: “Se você está brava e me punindo, então você venceu. Você venceu, eu sinto muito, agora pode por favor voltar? Não pode simplesmente me deixar aqui mãe, não pode me deixar sozinho nesse abismo onde eu não posso encontrá-la!”

Norman se levanta, vai até o cemitério e cava o tumulo da mãe, ele abre o caixão, vê Norma ali deitada e se mostra aliviado, abraça seu corpo dizendo:

Norman: “Mãe! Eu não quis deixá-la aqui. Eu só não tinha certeza ainda do que eu precisava fazer. Vamos mãe, vou levá-la para casa”

Então, Norman leva o corpo de Norma de volta para a casa, lá ele encontra Juno, sua cadela viva novamente.

Norman: “Olha mãe, conseguimos, estamos em casa, veja como Juno está feliz”

Norman coloca sua mãe no sofá, senta-se ao lado dela e diz:

Norman: “Pronto mãe, você pode acordar agora, está tudo acabado” ele percebe que Norma não se move, nem abre os olhos, ele cutuca sua bochecha dizendo “abra os olhos, mãe, sou eu, estamos em casa agora, é seguro, não vou deixar ninguém te machucar, então abra os olhos” sem sucesso, Norman começa a ficar inquieto, ele corre para pegar uma cola e passa nas pálpebras de Norma, colando seus olhos abertos. Mas Norman percebe que há algo de errado nos olhos de Norma, não há brilho, estão brancos, e então ele fala aumentando o tom de voz: “Olhe para mim, mãe! Estou aqui mãe, olhe para mim”

Nesse momento, Chick, um amigo da família aparece na casa para prestar suas condolências.

Chick: “Fiquei sabendo da sua mãe. Ela era uma mulher adorável, até demais para esse mundo. O mundo será mais obscuro sem ela. Sinto muito”

Norman, nervoso, agradece: “Ah, é, bem, obrigado... é que agora não é uma boa hora, então...”

Chick: “Eu entendo, só queria te entregar algo que fiz” quando Chick entrega a comida, ele percebe o corpo de Norma no sofá, Norman tenta mandá-lo embora:

Norman: “Obrigado por ter vindo, foi muita gentileza sua.” Mas Chick continua falando enquanto entra mais na casa:

Chick: “Eu... soube que o funeral foi hoje.”

Norman: “Sim.”

Chick fica um tempo encarando Norman e o sofá e diz: “Morte. É difícil, né? É difícil para o nosso cérebro aceitar, você vê a pessoa todo o dia e então, elas se vão.” Chick se aproxima de Norman e diz “Você faça o que tem que fazer, mas tem que entender que ela está morta, certo? Eu vou passar aqui para ver como você está por alguns dias, é o mínimo que posso fazer” Assim, Chick vai embora.

Norman fica sem reação, seus olhos se enchem de lágrimas e sua respiração fica cada vez mais forte, ele corre em direção ao sofá, segura o corpo de sua mãe e chama por ela, enquanto chora, de repente ele para e a olha, dando um beijo em sua boca. Norman corre até seu quarto e pega a arma para se matar, quando estas prestes a puxar o gatilho, ele começa alucinar, ouvindo o som do piano e sua cadela Juno latindo, ele desce e encontra sua casa enfeitada para o natal e Norma, tocando o piano:

Norma (alucinação): “Oi querido”

Norman: “Você está aqui. Você voltou. Achei que você tivesse me deixado.”

Norma (alucinação): “Você sabe querido jamais teria te deixado, estamos juntos para todo o sempre.”

Norman se senta com a alucinação de sua mãe e diz:

Norman: “Finalmente estamos juntos”

Norma (alucinação): “Sim, para sempre e sempre.”

No episódio 40 nos é mostrado, não só o retorno do real, mas também a intensidade da dependência que Norman tem com mãe, demonstrando mais uma vez como não houve separação entre eles, e que Norman tem a necessidade constante de sua mãe e das escolhas dela para viver, pois como visto na teoria, seu Eu é muito frágil e não desenvolvido, ele precisa se apoiar em algo e esse algo é a identificação imaginária que ele e Norma mantinham pela relação dual.

Logo no início do episódio, enquanto Norman é levado pela ambulância temos a cena da lembrança de infância, por ela percebemos que seu medo de ficar sozinho

sem a mãe, se manteve até a vida adulta, o fato de Norma dizer que é tudo apenas um jogo é importante pois é a partir dessa fala que Norman começa a criar sua metáfora delirante de que a “morte” da mãe na verdade era um plano de Norma para que eles vivessem em paz sozinho e ninguém atrapalhasse a relação deles, assim ela poderia se dedicar somente a ele.

Norman passa o episódio inteiro delirando e esperando que sua mãe retorne, pois para ele é tudo um plano dela, contudo, ao decorrer disso ele percebe indícios de que algo estava errado, e então, busca o corpo de sua mãe no cemitério e pede para ela acordar, ele é interrompido por Chick que faz o papel de frustrar Norman e dizer a verdade: que Norma está morta.

Norman finalmente se depara com a realidade, ele percebe que ele assassinou sua mãe, porém esse sofrimento é insuportável para seu Eu, ele não tem mediação simbólica para simbolizar esse acontecimento, o que leva Norman a tentar suicídio, mas como visto nos demais episódios, ele recorre ao delírio para preservar o Eu, para fazer função de identidade, assim, Norman cria uma metáfora delirante como suplência para lidar com a realidade, em sua metáfora, Norma está viva, ela fala com ele e cuida dele assim como sempre foi. Mas na realidade, Norman pratica a taxidermia no corpo de Norma e o esconde no porão, vivendo constantemente em uma dissociação de imagem, pois agora, ele é Norman e Norma, na próxima temporada nos é mostrado que Norman se veste com as roupas de Norma, fala e age como ela afim de manter sua metáfora delirante, e principalmente, Norman, dissociado com a imagem de sua mãe, mata qualquer pessoa que interfira na relação deles (FINK, 2007).

Isso porque, como visto anteriormente o psicótico se organiza pelo processo delirante, Norman criou essa metáfora para lidar com o real do mundo que é insuportável para ele, assim, compensando a falta de um princípio explanatório (FINK, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou portanto, a psicose na visão lacaniana, tendo como seu objetivo analisar as manifestações dessa estrutura psíquica no personagem Norman Bates da série Bates Motel, identificando conceitos essenciais como Complexo de Édipo, psicose, forclusão, dissociação e função ausente do Nome-do-Pai afim de compreender como esses são representados na série.

A partir da fundamentação teórica abordada, é possível dizer que existem certas condições para que a psicose seja estruturada e principalmente desencadeada, pois o indivíduo pode ter a psicose estruturada, mas não necessariamente desencadeada, ou seja, ele não apresentou nenhum surto até determinada idade.

Para que o indivíduo desenvolva a psicose é primordial que na passagem do primeiro para o segundo tempo do complexo de Édipo haja uma falha na função paterna, seja por sua ausência ou incapacidade de exercê-la. Como foi visto, essa função tem objetivo de separação, castração e de impor limites e regras, isso porque no primeiro tempo de Édipo a mãe e a criança se encontram em uma relação dual de alienação, na qual a mãe tem o filho como seu objeto de desejo (o seu falo) e o filho toma esse desejo para si, também desejando sua mãe, é nesse momento que a função paterna deve atuar, se impondo como um terceiro nessa relação impedindo que a criança fique presa nela.

Contudo, se essa função não for exercida de maneira satisfatória, desencadeará diversas consequências patológicas no indivíduo, sendo uma delas, a forclusão do Nome-do-Pai já que ele nunca foi inserida na linguagem, esse é o significante da Lei, da função paterna, e sua não inserção é uma das condições para a estruturação da psicose.

A constituição do sujeito se dá entre a fala e linguagem, e quem insere a criança na linguagem são os pais (ou aqueles que atuam como), o papel do paterno é de executar a função simbólica, ou seja, de dar nome, assim possibilitando que a criança adquira uma identidade, entretanto, quando não há Nome-do-Pai conclui-se que há um conflito no Eu da criança, já que a mãe é fadada a ter uma relação simbiótica(dual) com o filho (seu objeto fálico).

Vale ressaltar que essa relação é necessária ao nascer, ou seja, a criança deve se alienar ao Outro (a mãe) para depois se separar, e quem é o responsável pela separação, é o pai, que interdita o incesto e liberta a criança da alienação, se isso não

for feito, o filho e a mãe são fadados a continuar nessa relação dual até que um terceiro se aproprie do desejo da mãe, que é o que acontece na psicose, ou seja, o psicótico está preso no primeiro tempo do Complexo de Édipo.

O personagem Norman Bates é apresentado com sua psicose já estruturada, não é possível dizer se ela já havia sido desencadeada anteriormente ou não, pois a série só nos mostra os acontecimentos a partir dos 17 anos de Norman, por conta de um surto psicótico específico que o levou a matar seu pai para proteger a mãe.

Seu pai, apesar de ser presente, nunca impôs sua lei, até porque se levarmos em consideração de que o pai de Norman era um tirano que agredia e estuprava sua mãe, se a lei não o castrou quando ele era menor, então ele não poderia castrar o filho, assim, Norman não consegue passar pelo complexo de Édipo, que é o responsável por constituir o sujeito e por gerar a tolerância a frustrações e castrações.

Para que o primeiro surto psicótico ocorra, é necessário um evento no qual o sujeito fique sem mediação simbólica, pois não há o significante necessário para realiza-la, como no caso de invocar o significante do Nome-do-Pai que está foracluído, assim ocorre uma desestabilização imaginária pois o sujeito não consegue simbolizar o evento que está presenciando, ficando a mercê de seu inconsciente (GUERRA, 2010).

Outra aspecto importante para o desencadeamento do surto, é a quebra da identificação imaginária que mantinha o sujeito estabilizado, ela que dá o apoio ao Eu, visto que o Eu do psicótico não é completamente formado e, portanto, muito frágil. Quando a via que sustenta essa identificação na constituição subjetiva do psicótico é abalada, o sujeito fica com o Eu exposto o que desencadeia sentimentos persecutórios, e com o Eu abalado não há simbolização, assim, para se proteger o psicótico entra no famoso surto psicótico, que é caracterizado principalmente pelo processo delirante (GUERRA, 2010).

Como visto durante a análise, Norman apresente diversos episódios de delírio, sendo eles causados por diversos motivos, mas majoritariamente todos são voltados para a relação dele com Norma sempre que ela era desestabilizada por algum motivo, visto que ambas as partes são manipuladoras e ciumentas, não querendo que ninguém se intrometa na relação deles, isso pôde ser visto em diversas declarações, tanto de Norma quando de Norman que eles são um só, que ninguém poderia separa-

los, nem mesmo a morte, pois, caso um morra, o outro morreria junto, permanecendo juntos para sempre.

Essa é a identificação imaginária que o Eu de Norman se apoiava durante a série, ou seja, esse estado fusional que ele e sua mãe compartilhavam e que ambos faziam de tudo para manter, toda a vez que ocorria alguma situação que abalasse esse estado ou que Norman não era capaz de simbolizar, ele entrava no processo delirante, que é o surto psicótico.

É possível observar essa dependência de ambas as partes principalmente em dois momentos analisados: quando Norma vai embora e Norman sonha com a casa se desmoronando, que representa o seu Eu se despedaçando pois seu objeto de identificação que assegurava sua identidade o havia deixado, Norman não consegue tolerar essa frustração, visto que nunca passou pelo Complexo de Édipo, então ele não adquiriu a habilidade de tolerar ser castrado, a realidade é tão insuportável para o Eu, que Norman se dissocia e ele mesmo faz o papel de Norma, isso acontece também quando ele mata sua mãe e percebe que ela não voltaria, Norman cria uma metáfora delirante para lidar com a realidade frustrante de que sua mãe estava viva, e a morte dela era um plano para que ela pudesse se esconder e se dedicar somente a ele, enquanto na verdade, Norman passou a viver em constante dissociação de imagem e alucinações na qual ele era tanto Norman quanto sua mãe, Norma.

É característica do psicótico quando tem seu Eu abalado, se sentir invadido pelo Outro, isso porque há a divisão do Eu, que resulta em múltiplas personalidades no qual uma identificação específica se apodera do Eu, então, quando o psicótico alucina, muitas vezes ele tem a sensação de que Outro ocupou seu lugar, por esse motivo que Norman em seus surtos psicóticos sempre se via e agia como sendo sua mãe Norma, isso também era sustentado pelo acontecimento do primeiro episódio, no qual ele presenciou sua mãe matar um homem a facadas, então Norman compreende que sua mãe é capaz de matar, e ela mesmo diz que mataria por ele, logo, como o Eu de Norman não consegue suportar e simbolizar que quem mata as pessoas é ele, ele delira e entende que quem mata é sua mãe (QUINET, 2006).

Norma exerce um papel de Outro tirano e sádico, isso porque Norman é seu objeto de desejo, seu falo, então, ela não permite que ele goze com qualquer outra pessoa se não ela, pelo medo do abandono e de perder o seu falo, esse Outro exerce um peso muito grande no sujeito psicótico, seu discurso é persecutório e invade o

corpo de Norman sempre que ele se depara com alguma situação ou desejo próprio que sua mãe repudia ou o proíbe (QUINET, 2006).

Outro acontecimento importante a ser lembrado é quando Alex Romero se situa na posição de Um-pai, ou seja, finalmente, há alguém exercendo um papel de terceiro na reação dual de Norman e Norma, esse fato é tão insuportável para Norman que, duas semanas depois de Norma e Romero se casarem, Norman durante um delírio, tenta tirar a própria vida e levar sua mãe junto para que assim eles permaneçam para sempre somente os dois, a tentativa é frustrada quando apenas Norma falece.

Com isso foi possível alcançar os objetivos do presente trabalho e analisar e identificar as manifestações e representações da estrutura psicótica no personagem Norman Bates, há também possibilidades de novas pesquisas acerca do assunto, tanto a série sendo analisada em diferentes abordagens quanto discutido diferentes perspectivas, como por exemplo dar enfoque em Norma ou sua relação com seu primogênito, Dylan. O tema psicose em si é muito amplo e se difere a partir da abordagem utilizada, portanto, sempre há mais a ser estudado.

REFERÊNCIAS

- BARRETTA, João Paulo Fernandes. O complexo de Édipo em Winnicott e Lacan. **Psicologia USP**, v. 23, n. 1, p. 157-170, 2012.
- BATES MOTEL. Produtores: Justis Greene, Christopher Nelson. Estados Unidos. A&E: 2013-17.
- CAMPOS, Dulce. **O Édipo e as estruturas clínicas (no Seminário 5 de Lacan)**. 2019. Disponível em: < interseccaopsicanalitica.com.br > Acessado em: 04/09/2020.
- DA COSTA, Elenara Farias Lazzarotto; BOTTOLI, Cristiane. PENSANDO O COMPLEXO ÉDIPO NA CONTEMPORANEIDADE E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES. **Barbarói**, n. 40, p. 48-62, 2014.
- DOS SANTOS, Tania Coelho; DE OLIVEIRA, Flávia Lana Garcia. Teoria e clínica psicanalítica da psicose em Freud e Lacan. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 1, p. 73-82, 2012.
- FINK, Bruce. **Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes**. Editora Blucher, 2007.
- FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.
- Freud, S. (1916-17). Luto e Melancolia. In. **Trabalhos de Metapsicologia**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GIL, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUERRA, A. M. C. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LACET, Cristine. **Da forclusão do Nome-do-Pai à forclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan**. **Psicologia USP**, v. 15, n. 1-2, p. 243-262, 2004.
- MIGUELEZ, N. B. S. de. **Complexo de Édipo: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Zahar, 2007.
- PERA, Rubens Alberto; CORREA, João Jorge. O Complexo de Édipo no Contexto da Psicanálise. **Revista Pleiade**, v. 9, n. 18, p. 23-31, 2015.
- QUINET, Antônio. **Teoria e clínica da psicose**. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SALES, Léa Silveira. Passagem da compreensão à verdade: contribuição do estruturalismo à teoria lacaniana da psicose. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 10, n. 2, p. 211-227, 2007.

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE GRADUAÇÃO

TRABALHO DE GRADUAÇÃO (TG)
FORMULÁRIO 3 – DECLARAÇÃO SOBRE A LEGISLAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Nome do(a) Aluno(a): Isabelle Nogueira de Sá Bonafé

Nome do(a) Orientador(a): Prof.Dr. Daniel Cardozo Severo

Série: 8ºA

DECLARAÇÃO

DECLARO, para todos os fins, que tomei conhecimento da **Lei nº 9610, de 19/02/1998**, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre **DIREITOS AUTORAIS**.

Taubaté, 06 de Novembro de 2020.

A handwritten signature in black ink that reads 'Isabelle Bonafé'.

Assinatura do(a) Aluno(a)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS



Universidade de Taubaté
Sistema Integrado de Bibliotecas
Repositório Institucional
www.repositorio.unitau.br
repositorio@unitau.br



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: Isabelle Nogueira de Sá Bonafé

CPF: 462.831.158-70 Telefone: (12) 99749-2179

E-mail do autor: isabelle.bonafe99@gmail.com

Monografia (Especialização) Trabalho de conclusão de Curso (Graduação) Trabalho Acadêmico

Dissertação de Mestrado Tese de Doutorado Tese de Livre-Docência

Outro (Especifique) _____ Curso: Psicologia

Título: A psicose no personagem Norman Bates - sob a ótica lacaniana

Programa de Pós-Graduação: _____

Área de Concentração (Tabela CNPq) _____

Linha de Pesquisa: _____

Orientador: Daniel Cardozo Severo

Co-orientador: _____

Banca Examinadora:

Membro 1: Claudia Regina de Freitas

Membro 2: _____

Membro 3: _____

Membro 4: _____

Data da defesa: 06/11/20

Licença de uso

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, autorizo o Sistema Integrado de Biblioteca - SIBi - UNITAU a disponibilizar a obra no Repositório Institucional, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinadas acima do documento, no formato especificado, para fins de leitura, impressão e/ou download pela Internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade de Taubaté, de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 4.0 Internacional por mim declarada sob as seguintes condições a partir desta data.

Permite uso comercial de sua obra?

Sim não

Permitir alterações em sua obra?

sim
 sim, desde que outros compartilhem pela mesma licença
 não

A obra continua protegida por Direitos Autorais e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Taubaté 19/11/20
Local data

Isabelle Bonafé
Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

OBS.: Preencher este Termo em duas vias assinadas. A primeira permanece na Seção de Pós-graduação e a segunda será encaminhada à Biblioteca da Unidade juntamente com o arquivo eletrônico em formato PDF.

O ARQUIVO PDF NÃO DEVERÁ CONTER SENHA DE PROTEÇÃO